

Antônio José Sandmann

Morfologia
LEXICAL

Formação de palavras
Ampliação do Léxico
Produtividade Lexical

Edição Comemorativa

Editora
UFPR

R E P E N S A N D O

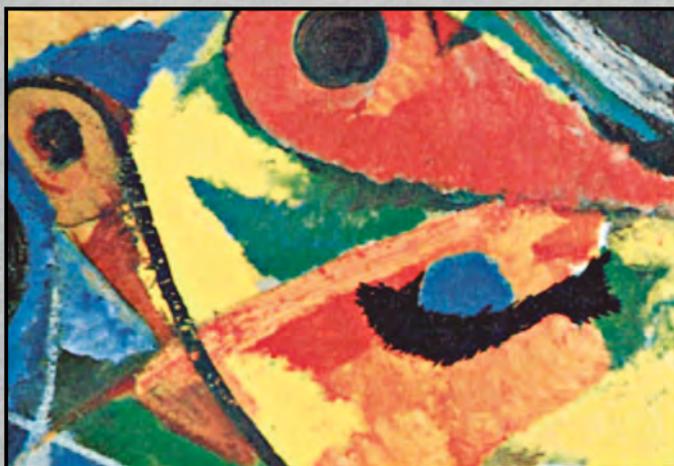
REPENSANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

R E P E N S A N D O

MORFOLOGIA LEXICAL

FORMAÇÃO DE PALAVRAS
AMPLIAÇÃO DO LÉXICO
PRODUTIVIDADE LEXICAL

ANTÔNIO SANDMANN



LINGÜÍSTICA
CONTEXT0

Antônio José Sandmann

Morfologia
LEXICAL

Formação de palavras
Ampliação do Léxico
Produtividade Lexical



Edição Comemorativa

Editora
UFPR



Reitor

Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Graciela Inês Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Leandro Franklin Gorsdorf

Diretor da Editora UFPR

Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR

Alexandre Nodari

Conselho Editorial que aprovou este livro

Allan Valenza da Silveira

Angela Maria Hoffmann Walesko

Diomar Augusto de Quadros

Everton Passos

Fabricio Schwanz da Silva

Jane Mendes Ferreira Fernandes

Ida Chapaval Pimentel

João Damasceno Martins Ladeira

Fernando Cerisara Gil

Kádima Nayara Teixeira

Miguel Gualano de Godoy

Rúbia Carla Formighieri Giordani

Sérgio Luiz Meister Berleze

© Editora UFPR

MORFOLOGIA LEXICAL

Edição fac-similar

Conversão Digital
Rachel Cristina Pavim

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca Central. Coordenação de Processos Técnicos.

S217m Sandmann, Antônio José, 1932-2017
Morfologia lexical [recurso eletrônico] / Antônio José Sandmann.
– Dados eletrônicos. – [Curitiba]: Ed. UFPR, 2020.
1 arquivo [82 p.].

Edição fac-similar.
Inclui referências: p. [81]-82.
e-ISBN 978-65-87448-13-8

1. Língua portuguesa - Lexicografia. 2. Língua portuguesa - Morfologia. I.
Título.

CDD: 469.5
CDU: 806.90-3(81)

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

ISBN (Digital) 978-65-87448-13-8
Ref. 1008

Direitos desta edição reservados à

Editora UFPR

Rua Ubaldino do Amaral, 321
80060-195 - Curitiba - Paraná - Brasil
www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br

2020

Copyright © 1992 Antônio José Sandmann
Coleção: REPENSANDO A LÍNGUA PORTUGUESA
Coordenador: Ataliba Teixeira de Castilho
Projeto Gráfico e de Capa: Sylvio de Ulhoa Cintra Filho
Ilustração de Capa: Detalhe alterado de pintura de Wilhelm Nay
Revisão: Luiz Roberto Malta
Composição: Veredas Editorial
Impressão:  Grol editora gráfica s.a.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sandmann, Antônio José.
Morfologia lexical / Antônio José Sandmann. São Paulo: Contexto, 1992. – (Coleção Repensando a língua portuguesa)

Bibliografia.

ISBN 85-7244-008-9

1. Lexicologia 2. Português – Morfologia 3. Português – Palavras e locuções I. Título. II. Série.

91-2235

CDD-469.5
412

Índices para catálogo sistemático:

1. Lexicologia 412
2. Morfologia: Português: Lingüística 469.5
3. Palavras e locuções: Português: Lingüística 469.5

1992

Proibida a reprodução total ou parcial.

Os infratores serão processados na forma da lei.

Todos os direitos reservados à

EDITORA CONTEXTO (Editora Pinsky Ltda.)

Rua Acopiara, 199 – 05083 – S. Paulo – SP

Fone: (011) 832-5838 – Fax: (011) 832-3561

SUMÁRIO

O Autor no Contexto	7
1. O que estuda a morfologia lexical?	11
Competência lexical	12
Diacronia x sincronia	14
2. Por que se formam palavras novas?	22
Como se amplia o léxico?	22
Funções da formação de palavras	24
A função semântica	25
A função sintática	25
A função discursiva	27
Densidade semântica da palavra complexa	29
3. Tipos comuns de formação de palavras	32
Fronteiras lexicais	32
Composição x grupo sintático paralelo	32
Composição x derivação	34
– Composição x prefixação	36
– Composição x sufixação	38
Prefixação x sufixação	39
Composição	40
Compostos metafóricos e metonímicos	42
Compostos endocêntricos e exocêntricos	43
Derivação	44
Derivação regressiva	44
Derivação parassintética	46
Derivação imprópria ou conversão	47

Oneónimos em <i>-ex, -ol</i> etc.	49
4. Tipos especiais de formação de palavras	51
Abreviação	51
Tipo “cerva”	52
Tipo “máxi”	52
Tipo “(o) segurança”	53
Tipo “Delin”	53
Tipo “OTN”	54
Tipo “CAL”	55
Tipos “mistos”	55
Formação analógica	56
Cruzamento vocabular	58
Reduplicação	60
5. Produtividade lexical	62
Produtividade lexical x produtividade sintática	62
Lexicalização ou idiomatização	67
A direcionalidade da produção lexical	69
Produtividade lexical e empréstimo lingüístico	72
Produtividade lexical e estilística	74
Fatos novos na produção lexical	77
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 81

O AUTOR NO CONTEXTO

Antônio José Sandmann é de Três Arroios, estado do Rio Grande do Sul. Fez seus estudos primários e secundários no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, acabando por fixar-se na capital paranaense, onde formou-se em filosofia, direito e letras. Foi professor de português em vários colégios particulares e estaduais e diretor do Colégio Martinus durante seis anos. Desempenhou também funções burocráticas na área da Secretaria da Educação do Paraná.

Em 1971, dez anos depois de formado, começou sua carreira na Universidade Federal do Paraná, fazendo concurso para auxiliar de ensino. Em 1981 terminou o curso de mestrado em língua portuguesa na Universidade Católica do Paraná, defendendo a tese "Análise e Crítica da Classificação Tradicional e Construtural dos Coordenativos". O doutorado foi iniciado dois anos depois, na Universidade de Santo Alberto Magno, na cidade de Colônia, Alemanha. Três anos foram necessários para concluir essa meta longamente esperada, sendo que a tese tinha o nome de "Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo".

De volta ao Brasil no fim de 1986, Sandmann recebeu, pouco tempo depois, a notícia de que havia vaga para professor titular de língua portuguesa. Sem deixar esfriar as máquinas, atacou o novo desafio, vencido em setembro de 1988, defendendo a tese "Competência Lexical: Produtividade, Restrições e Bloqueio".

A morfologia, como se vê, principalmente a morfologia lexical, que ele prefere chamar de formação de palavras, expressão mais simples e mais transparente, é e continua, aliás, sendo seu principal campo de estudos, sobre o qual escreveu, também, já vários artigos e está preparando outros.

Uma boa oportunidade de aplicar e divulgar os estudos feitos foi o volume *Morfologia Geral*, desta série, que, além do presente, *Morfologia Lexical*, deverá ser sucedido de outros.

Trabalho de que Sandmann participa com muita satisfação é o projeto “Gramática do Português Falado”, GT Morfologia, também coordenado pelo prof. Ataliba Teixeira de Castilho.

O que já aconteceu, o que acontece e o que ainda pode acontecer em termos de formação de palavras é, sem dúvida, um campo de pesquisa extremamente estimulante. “*No princípio era a palavra*” (Jo, 1.1), diz o hagiógrafo. Na verdade, a palavra é nossa companheira de todas as horas.

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

Aurélio – *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio
Buarque de Holanda Ferreira

Folha – jornal *Folha de S. Paulo*

S – substantivo

A – adjetivo

V – verbo

NUM – numeral

PRON – pronome

DM – determinado ou núcleo do vocábulo complexo

DT – determinante ou adjunto do vocábulo complexo

1. O QUE ESTUDA A MORFOLOGIA LEXICAL?

O objeto de exame da parte dos estudos lingüísticos tradicionalmente conhecida como morfologia é a palavra, cuja existência como unidade segmentável das unidades maiores, a sentença e o texto, é aqui assumida, porque de maneira geral ela é espontaneamente sentida pelos usuários de uma língua. No caso do português, a experiência de professor dessa língua nos mais diversos níveis de escolarização nos diz que, à exceção de seqüências como *por isso*, *embaixo* e *em cima*, que aparecem também grafados *porisso*, *em baixo* e *encima*, os usuários não encontram em geral dificuldade em segmentar graficamente o que se pode chamar as unidades lexicais de uma sentença ou de um texto.

Ora, se os usuários da língua fazem segmentação quando escrevem, é porque eles têm intuição ou conhecimento explícito da existência de segmentos lingüísticos menores, anteriormente à sua representação gráfica.

O estudo da morfologia é então o estudo da palavra, não das funções que ela pode desempenhar dentro da frase, o que seria objeto da sintaxe, nem de sua composição fônica ou silábica, o que seria tarefa da fonologia, mas de sua composição ou estrutura: se palavra variável ou invariável, isto é, se, em função de sua semântica ou papel na frase, ela pode ser ou não acrescida de unidades constitutivas, em geral significativas, chamadas flexões; se palavra simples ou complexa, quer dizer, se constituída apenas de raiz ou radical (*ontem*, *relógio*) ou se de mais morfemas lexicais, a saber, se de mais de um radical ou raiz (*presidente-músico*)

ou se de radical mais um ou vários afixos (*superpacote*, de *super-* + *pacote*, *chanchadeiro*, de *chanchada* + *-eiro* e *mididesvalorização*, em que se podem admitir as seguintes etapas de complexificação: *valor* + *-izar* = *valorizar*, *valorizar* + *-ção* = *valorização* ou *des-* + *valorizar* = *desvalorizar* e, por prefixação ou sufixação, *desvalorização* e por fim *mididesvalorização* (do *cruzeiro*, uma prefixação).

A morfologia se ocupa tradicionalmente também com a classificação das palavras, tomando como base diferentes critérios, a que acima se fez em parte e indiretamente alusão: o critério formal, p. ex., leva em consideração se a palavra pode ou não receber flexão dentro da frase; o critério sintático leva em conta a função ou distribuição da palavra dentro de unidades lingüísticas maiores, e o critério semântico toma como base de classificação diferenças de significado.

COMPETÊNCIA LEXICAL

No que em trabalho anterior desta série chamamos de *Morfologia Geral* foi dado destaque às diferenças entre morfologia lexical e morfologia flexional, entre afixo, especialmente o sufixo, e flexão, com ênfase ao carácter sufixal e não flexional do morfema de feminino dos substantivos (*[o]* *soldado* - *[a]* *soldada*) e dos morfemas de grau (*amabilíssimo*, *tarifaço*, *ofertão*, *cestinha*). Neste trabalho vamos ocupar da morfologia lexical, em outros termos, vamos investigar em que consiste a competência lexical do usuário da língua. Detalhando, interessa-nos saber como o falante-ouvinte ou escrevente-leitor entende as palavras, sua estrutura ou constituição, seu relacionamento semântico-formal com outras unidades lexicais que integram o estoque ou léxico da língua. Interessa-nos saber também, na análise da competência lexical, como o falante/escrevente forma unidades lexicais novas consideradas boas ou aceitáveis, evita a formação de unidades inaceitáveis e como ele as entende e julga boas ou inaceitáveis enquanto ouvinte/leitor.

Basilio (1980:49ss.) vê a competência lexical sob dois aspectos, distintos mas complementares. De um lado temos as regras de formação de palavras, as RFPs, de outro, as regras de análise estrutural, as RAEs. Tendo internalizado aquelas, o usuário é capaz de formar palavras novas, um momento por assim dizer mais ativo, ou de entender palavras novas, um aspecto de certo modo mais passivo. Tomemos a palavra nova *relatoria* (Folha, 7.4.90, A-5: “Teve que mudar o relatório, ou seria destituído da relatoria (...)”). Querendo dar nome à função de *relator* de medida provisória no Congresso Nacional, o articulista formou *relatoria*, isto é, acrescentou o sufixo formador de substantivo abstrato *-ia* a *relator*, substantivo cujo sufixo *-(t)or* indica nome de agente. Em que consiste, pois, a competência de quem formou a palavra *relatoria*? Consiste no domínio da regra que diz que de substantivo designativo de agente se pode formar, acrescentando-lhe *-ia*, outro substantivo, abstrato, e cuja semântica é “função de X” (X = nome da base). Mas como o usuário da língua portuguesa chega a essa regra? Ele a abstrai de outras unidades concretas integrantes do léxico; por exemplo: *ouvidor* - *ouvidoria*, *coordenador* - *coordenadoria*, *preceptor* - *preceptoria*, *auditor* - *auditoria*, *procurador* - *procuradoria* e até de *chefe* - *chefia*, etc. A regra de formação de palavras, que pode abstratamente ser representada S (nome de agente) + *-ia* = S (substantivo abstrato designativo da função de X, sendo que X é a base), não cai, portanto, do céu, mas é abstraída de exemplos concretos. Podemos, por conseguinte, dizer que as RFPs e as RAEs interagem ou se complementam.

A palavra nova apresentada acima *relatoria* não é produto de regra muito produtiva, aliás bem pouco produtiva. Exemplos de regras mais produtivas seriam *drástico* + *-idade* = *drasticidade*, *repetitivo* + *-idade* = *repetitividade*, pela qual se formam substantivos abstratos a partir de adjetivos; *policial* + *-ismo* = *policialismo*, *econômico* + *-ismo* = *economicismo*, pela qual a partir de adjetivos se formam substantivos que significam em geral “linha política ou ideológica” e têm leitura preponderantemente pejorativa; ou *des-* + *estabilizador* = *desestabilizador*, *des-* + *contaminado* = *descontaminado*, *des-* + *alinhamento* = *desali-*

nhamento e *des-* + *estalinizar* = *desestalinizar*, segundo a qual o prefixo *des-* se junta a adjetivo, substantivo ou verbo, negando de certa maneira o conteúdo da base.

Como se disse acima, as RFPs e as RAEs interagem e se complementam, e no caso de RFPs produtivas como as que acabamos de apresentar, nossa competência lexical não tem dificuldade em analisá-las estruturalmente, isto é, dizer de que elementos se compõe uma palavra complexa, eis que *drástico*, *repetitivo*, *policial*, *econômico*, *estabilizador*, *contaminado* e *alinhamento* integram o estoque erudito de unidades lexicais do português e os afixos *-idade*, *-ismo* e *des-* ocorrem em muitos outros vocábulos. Quanto a *desestalinizar*, embora *estalinizar* também não esteja dicionarizado, não será difícil ao leitor analisá-la, porque a formação de *estalinizar* obedece a uma regra de formação de palavras conhecida do português, a saber, a mesma que produziu *tancredizar* (de *Tancredo* + *-izar*) e *montorizar* (de *Montoro* + *-izar*): *Stalin* (com prótese) + *-izar* = *estalinizar* “adaptar a Stalin”.

DIACRONIA X SINCRONIA

Discussão oportuna quando se fala no objeto de estudo da morfologia ou em competência lexical é o confronto entre a abordagem que se pode fazer desses assuntos sob os enfoques diacrônico e sincrônico, ressaltando-se, desde já, que ambas as abordagens são legítimas, têm sua hora e vez. O que não se pode fazer é mesclar os critérios, sendo oportuno o que diz Kehdi (7): “*Não julgemos, todavia, que a utilização de uma ou de outra postura seja uma mera questão de escolha; sincronia e diacronia podem contrapor-se quanto a métodos e resultados*”. É, por exemplo, estranho quando o *Aurélio* dá de *passável* a estrutura (*passar* + *-ável*), enfoque sincrônico, de *amável* dá a origem (do lat. *amabile*), enfoque diacrônico, sendo que de *analisável* não dá nem a estrutura nem a origem. Assim também de *repatriar* é dito que vem do latim *repatriare* e que *expatriar* é formado de *ex-* + *pátria* + *-ar*. Ora, dentro de um enfoque puramente sincrônico, não obstante a extensão de sentido verificável principalmente em

amável, se há de dizer que os três adjetivos em *-vel* são formados mediante a sufixação dos respectivos verbos e que tanto *repatriar* como *expatriar* são sincronicamente derivações parassintéticas: *re-* + *pátria* + *-ar* = *repatriar*; *ex-* + *pátria* + *-ar* = *expatriar*, eis que a língua não formou *patriar* para a partir daí se ter por prefixação *repatriar* e *expatriar*.

Forte argumento de que as abordagens diacrônica e sincrônica não devem ser mescladas apresenta Bussmann, no verbete *homonímia*, que traduzimos: “*Sob o ponto de vista sincrônico, o argumento etimológico perde muito em força, pois os entrelaçamentos lingüísticos genéticos não fazem parte da competência lingüística e não oferecem, muitas vezes, critérios seguros de decisão.*” Voltando aos exemplos acima do *Aurélio*, não faz parte da competência lingüística do falante de hoje saber que em latim havia *amabile* e *repatriare*, antecessores, no tempo, respectivamente, de *amável* e *repatriar*, e, mesmo que o falante conheça esse elo histórico, sincronicamente os elos são com *amar*, *pátria*, *expatriar*, incluindo-se, naturalmente, as funções sintáticas e semânticas dos prefixos e sufixos envolvidos. Interessante é, considerando a palavra latina *amabile*, que faz parte da competência lingüística do usuário de hoje, saber que o *-vel* de *amável* alterna com *-bil*, quando o processo derivacional tem prosseguimento: *amável* - *amabilidade*, *amável* - *amabilíssimo* e *contável* - *contabilizar*, fenômeno aliás geral dos adjetivos em *-vel*.

Observe-se que há fatos nas línguas que constituem, por assim dizer, ponto conflitante entre as abordagens sincrônica e diacrônica da direcionalidade do processo de formação de palavras. Tietze (12) e Aronoff (27) citam, p. ex., o caso do inglês *peddle*, que, diacronicamente, é posterior a *peddler*, sendo que, sincronicamente, a direção é *peddle* - *peddler*, como *teach* - *teacher* e muitos outros exemplos de verbo e respectivo agentivo. Jackendoff (649ss.) apresenta o caso do verbo *agress* que é, diacronicamente, posterior a *aggression*, *aggressor* e *aggressive*, sendo que, sincronicamente, embora *agress* tenha apenas *status* marginal em inglês, segundo Jackendoff (*ib.*), a ordem é *agress* - *aggression/aggressor/aggressive*. No português muitas gramáticas trazem os exemplos de *sarampão* - *sarampo* (Bechara [226]), *gajão*

- *gajo* (Rocha Lima [187]) e outros, a respeito dos quais se pode dizer que os pontos de vista diacrônico e sincrônico também divergem, pois, sincronicamente, a direcionalidade é *sarampo - sarampão* e *gajo - gajão*. Do *Aurélio* colhemos *legislador - legislar* e *ascoroso/asqueroso - asco*, sendo que a sincronia nos diz que a direção é *legislar - legislador* e *asco - ascoroso/asqueroso*.

Se determinar a direção *legislar - legislador* do ponto de vista sincrônico é relativamente simples porque há o acréscimo do morfema *-dor*, como em *vender - vendedor*, o mesmo não se dirá de *viúvo - viúva*, em que há alternância dos morfemas finais *-o* e *-a* e de que o *Aurélio* diz que a direção é diacronicamente *viúva - viúvo*. A solução, para estabelecer a direcionalidade do ponto de vista sincrônico, parece-me ser constatar qual das duas palavras tem semântica mais geral, o que nos permite concluir que é *viúvo*, pois o plural *viúvos* se refere a *viúvo* e *viúva*, ao passo que *viúvas* exclui *viúvo(s)*. A propósito é revelador constatar que o *Aurélio* diz que *viuvez* é “estado de quem é viúvo” e em *enviuvvar* é dada a estrutura *en- + viúvo + -ar* e os significados “tornar viúvo” e “ficar viúvo”, etc., com a forma básica *viúvo*, portanto. É interessante observar, por outro lado, que uma forma como *viúva*, diacronicamente anterior a *viúvo*, que era monomorfemática, passa a ter dois morfemas: o radical *viúv-* e o morfema de feminino *-a*. Fato análogo há em *soldado*, que, de dois morfemas (*sold- + -ado*), passa a ter três (*sold- + -ad + -o*) quando se formou *soldada* (*Folha*, 5/12/89, p.D-3), sendo que o mesmo se pode dizer de *musa* e *pintassilgo* - encontrei em jornal *muso* (*Folha*, 30/11/89, p. F-8) e *pintassilga* (*Folha*, 30/12/89, p. E-2). Também já ouvi *anja*, *pentelha* e *puxa-saca*, que passam a ter o morfema final de feminino *-a*. Em propaganda política uma candidata a deputada estadual se dizia “a primeira piloto comercial”, quando ela poderia perfeitamente se intitular *pilota* - em alemão *Pilotin*, feminino de *Pilot*, já está dicionarizado -, com as formas *piloto* e *pilota* passando a ter dois morfemas cada uma.

Naturalmente a exclusão rigorosa do critério diacrônico na abordagem do léxico implica dificuldades difíceis de vencer. Aliás, considerando que o léxico é depositário de muitas irregularidades ou idiosincrasias, frutos da evolução fonética - mudanças do

significante do signo – ou da deriva semântica ou extensão do sentido – mudanças no significado do signo –, a abordagem puramente sincrônica se vê posta constantemente diante de dificuldades. Acima dissemos, p. ex., que, sincronicamente, *legislador* é derivado de *legislar*, situação inteiramente transparente, eis que o acréscimo de *-dor* a verbo para formar agentivos é e foi um processo muito produtivo: *vender* - *vendedor*, *comprar* - *comprador*, etc. Já a associação de *legislar* com *lei* é, considerando o corpo fônico dos dois vocábulos, um problema: como explicar o *g*, o *s* e o *l* mediais de *legislar*? À dupla *lei* – *legislar* compare-se *impacto* – *impactar* – ouvi *impactar* em debate de televisão –, esta última contendo uma relação transparente, pois se acrescenta simplesmente *-ar* ao adjetivo, como em *compacto* – *compactar*, *esnobe* – *esnobar*, *ranheta* – *ranhetar*.

Para proceder à análise do ponto de vista sincrônico de uma palavra complexa incorporada ao léxico procede-se à segmentação dos elementos que a compõem. Mas essa segmentação tem que ter base em regularidades semânticas e fonológicas, dois fatores que dão sustentação à identificabilidade das unidades morfológicas. Nesse sentido se pode dizer que uma seqüência lingüística é tanto mais facilmente identificável quanto maior for sua recorrência, mantendo identidade e constância fonológica e semântica. Não é difícil ver, p. ex., em *antepor*, *apor*, *compor*, *depor*, *dispor*, *impor*, *pospor* e *repor*, palavras do português de hoje, a recorrência do morfema lexical *por*, constituinte da palavra *pôr*. Os prefixos, por sua vez, também são recorrentes, pois ocorrem em outras palavras (damos exemplos apenas de *re-*): *reatar*, *realisar*, *religar*, etc.

Em *repatriar* e *expatriar* também não é difícil, com base no significado e corpo fônico, identificar as unidades morfológicas *pátria*, *re-*, *ex-* e *-ar*, este último com a função principalmente sintática de formar verbo. Porém, se nos exemplos dados a transparência favorece a identificação ou análise sincrônica dos elementos, a dificuldade se apresenta, em grau maior ou menor, em conjuntos como os seguintes: 1) *agregar*, *congregar*, *segregar*, em que temos os prefixos *a-*, que indica aproximação, *con-*, que indica reunião, e *se-*, que indica separação, este último, improdutivo

e de ocorrência extremamente restrita, e o morfema = *gregar* = , que não ocorre livremente embora se possa dizer, pela semântica, que recorre em *gregário* e *gregarismo*; 2) *aduzir*, *conduzir*, *deduzir*, *induzir*, *produzir*, *reduzir* e *seduzir*, em que temos prefixos que ocorrem em outras palavras complexas da língua, alguns mais outros menos produtivos e de semântica mais ou menos obliterada – mais clara, p. ex., em *deduzir*, em que *de-* indica procedência, e mais obscura hoje em *reduzir*, em que *re-* indica movimento para trás, função com que não é mais produtivo –, e o elemento preso = *duzir* = , de semântica isoladamente não-definida, mas que forma sentido juntamente com o prefixo. O que nos autoriza, no entanto, a dizer que = *duzir* = é, do ponto de vista sincrônico, um morfema, se não tem semântica autônoma (lembremo-nos, a propósito, que é ainda dominante a idéia de que os morfemas, “unidades em que as palavras são analisadas, unidades de que as palavras são formadas” (Aronoff, 7), são “o menor elemento individualmente significativo nas enunciações de uma língua” (Hockett, [123])? Veja-se o que diz a respeito Monteiro (29): “Se, destacado um afixo, o suposto semantema não funcionar em vocábulo primitivo como forma livre ou deixar de apresentar um significado reconhecível sem esforço, a segmentação estará sincronicamente errada”. No caso de *aduzir* e demais pares, p. ex., podemos invocar os seguintes fatos: as unidades que chamamos de prefixos são elementos recorrentes na língua, pelo que os podemos considerar entidades morfológicas independentes de = *duzir* = *duzir* = , por sua vez, também é recorrente como formador de palavras pertencentes à mesma classe gramatical, a saber, verbos, palavras conjugáveis. Um outro fato, porém, merece especial atenção (v. Aronoff, 12ss.): em = *duzir* = podemos dizer que temos a raiz *duz*, a vogal temática *-i-* e a flexão de infinitivo *-r*; ora, a raiz *duz* alterna regularmente com *du* nas formas nominalizadas dos verbos *adução*, *condução*, *dedução*, *indução*, *produção*, *redução* e *sedução*, se considerarmos a terminação *-ção*; sufixo nominalizador, aliás muito produtivo hoje e no passado, solução que parece melhor do que analisar, p. ex., *condução* em *com-* + *duç* - *ão*, com *-ão* como sufixo nominalizador, também produtivo, porém bem menos do que *-ção* (*escorregão*, *puxão*)

e de semântica mais específica, pois à idéia de ação acresce a de força ou violência e rapidez. Essas regularidades do comportamento de = *duzir* = permitem-nos, embora não lhe possamos atribuir um significado fixo e autônomo, dizer que é um morfema, peça constante e, por assim dizer, de personalidade da estrutura de algumas palavras.

Fatos análogos aos dos verbos *aduzir* etc., a saber, recorrência de prefixo e raiz, constância das classes de palavras formadas e regularidades alomórficas da raiz, podemos registrar nos seguintes quadros:

admitir	admissão
demitir	demissão
emitir	omissão
permitir	permissão
transmitir	transmissão
comprimir	compreensão
deprimir	depressão
exprimir	expressão
imprimir	impressão
reprimir	rèpressão
apreender	apreensão
compreender	compreensão
empreender	(empreendimento)
repreender	repreensão

No último quadro chama a atenção a lacuna, ou melhor, o preenchimento de lacuna com um deverbal mais regular em *-mento* (*empreendimento*). No quadro seguinte, apesar das regularidades constatáveis, as lacunas ou vazios não preenchidos chamam mais a atenção. Observa-se principalmente a alomorfia da raiz: *ceb, cep, cei, cip*:

—	acepção	—	—	—
conceber	concepção	conceptivo	conceito	—
perceber	percepção	perceptivo	—	—
receber	recepção	receptivo	receita	recipiente

Já na família de verbos formados por prefixação a partir da base livre *clamar* (*aclamar, conclamar, declamar, exclamar,*

proclamar, reclamar) chama, em geral, atenção a falta de transparência semântica do prefixo – exceção principalmente de *exclamar* – e do verbo complexo. É o caso de perguntar, p. ex., que significado cabe aos prefixos em *aclamar, declamar* e *reclamar*.

Aos exemplos apresentados nos quadros acima aponham-se *mamar* e *pasmar*, p. ex., em que *ma* e *pas* não são recorrentes como prefixos em outras palavras e não há alomorfia regular do que, por hipótese, se quisesse chamar *raiz (mar)*. A conclusão é que estamos diante de vocábulos simples ou não-complexos. Diferente é a situação no que o inglês chama de “cranberry morphs” ou o alemão, referindo-se aos nomes de frutas alemães análogos aos do inglês, de “unikale Morpheme”. Considerando que em *cranberry, strawberry* “morango” e *huckleberry* “mirtilo”, etc. do inglês, e *Himbeere, Brombeere*, etc., do alemão, *berry* e *Beere*, que também ocorrem separadamente como nome de “baga, grão, pequeno fruto silvestre”, têm significado mas os elementos *cran, straw, huckle, him* e *brom* não, Bussmann diz desses últimos: “Também ‘morfemas únicos’ como *him* em *Himbeere* ‘amora’ são morfemas presos, cujo significado sincrônico está reduzido à sua função distintiva”. Tomando séries de verbos como *apreender, compreender, empreender, repreender*, não podemos atribuir semântica autônoma nem aos primeiros elementos (*a-, em-, com-* e *re-*) nem a *-preender*, mas a soma dos elementos de cada formação tem um significado autônomo e distinto dos outros.

Resumindo o que foi apresentado na presente seção, pode-se dizer que uma é a visão diacrônica, outra é a visão sincrônica. Diacronicamente *aduzir, conduzir, deduzir*, etc. podem ser derivados dos latinos *adducere, conducere* e *deducere*, sendo que em latim havia o verbo simples *ducere*, o que dava transparência aos derivados. O mesmo, porém, não se dá em português, em que não temos o verbo simples = *duzir* = – aliás há muitos outros casos em português de verbo simples morto, mas que sobrevive em derivados: *atribuir, contribuir, distribuir, retribuir*, a série formada por *constituir* e outros, *assistir*, etc., *construir* etc., *comprimir* e

outros, *admitir* e outros, etc. A análise sincrônica se vê, pois, limitada a outros procedimentos, como se fez mais acima, para estabelecer elos entre séries como *assistir*, *consistir*, *insistir*, *persistir* e *resistir*, sendo que em *comer*, diacronicamente derivado do lat. *comedere* (*cum* + *edere* – *comedere* – *comeer* – *comer*), forma complexa e transparente, a análise sincrônica se vê forçada a ver uma forma não-complexa, formada do radical *com-*, vogal temática *-e-* e flexão de infinitivo *-r* (v. Mattoso Câmara, 1971, 44). Como se vê, os enfoques diacrônico e sincrônico não podem ser mesclados, sendo de ressaltar, no entanto, que os subsídios fornecidos pela análise diacrônica podem servir de auxílio para o levantamento de hipóteses quando da análise sincrônica.

2. POR QUE SE FORMAM PALAVRAS NOVAS?

COMO SE AMPLIA O LÉXICO?

Antes de apresentarmos as razões por que uma língua forma palavras novas abordaremos brevemente uma outra questão: a de que recursos se serve uma língua como o português para ampliar seu vocabulário. E a resposta é que são três, dois marginais – principalmente um – e outro, central ou básico. Os recursos secundários utilizados são o empréstimo de outras línguas e a criação por assim dizer do nada. A formação de palavras que acabamos de chamar de “criação do nada” é, na verdade, uma criação apenas a partir de fonemas ou sílabas e não de palavras ou morfemas já existentes na língua. É um recurso extremamente raro, sendo prova disso o fato de, em seguidos anos de pesquisa, só termos encontrado uma forma: *tititi* “diz-que-diz-que, mexerico” (*Jornal do Brasil*, 14/12/84, 1º Caderno, p. 11, coluna 3), em que temos a repetição da sílaba semanticamente vazia *ti* formando um vocábulo onomatopaico, sendo que apenas à palavra plena se pode atribuir um significado. Como palavra onomatopaica, *tititi* tem motivação ou fundamento em fatores fônicos, o que não é a regra em formações a partir de palavras ou morfemas preexistentes.

O segundo recurso secundário de enriquecimento do vocabulário de uma língua como o português são os empréstimos de outras línguas. *Verba sequuntur rem*, se diz em lingüística: as palavras seguem a coisa. Quando aprendemos dos japoneses tipos de lutas corporais, adotamos juntamente os nomes: *judô*, *caratê*;

das línguas dos índios brasileiros adotamos numerosos nomes de animais e plantas (afinal esses seres já tinham nomes dados pelos indígenas quando os colonizadores chegaram!); das línguas africanas emprestamos nomes de comidas (*tutu, vatapá*), etc.; do italiano recebemos numerosos vocábulos ligados à música; do francês vieram-nos palavras da etiqueta, da moda, e hoje é grande a contribuição do inglês nos campos do esporte, música não-erudita, informática, etc. Há empréstimos adaptados (*líder*, do ingl. *leader*) e empréstimos não-adaptados, só ortograficamente (*show*), fonológica e ortograficamente (*joint venture*) ou morfosintaticamente (*campi*, plural de *campus*). Há empréstimos lexicais, isto é, sem tradução/substituição de morfemas/palavras (*esputinique, videoteipe, pulôver*), empréstimos semânticos, isto é, com tradução/substituição de morfemas/palavras, com alteração da estrutura (*spaceship = nave espacial*) e sem alteração da estrutura (*spaceship = espaçonave*). E há, finalmente, empréstimos estruturais: são aqueles formados com recursos do português mas segundo modelo estrutural estrangeiro: *cinoclube, motogincana*.

Vale observar que seguro indício de que o empréstimo está bem adaptado à língua-destino é a existência de palavras derivadas do mesmo: ingl. *snob = esnobe (esnobar, esnobação, esnobada)*, ingl. *bluff = blefe (blefar)*, ingl. *knock-out = nocaute (nocautear)*, ingl. *lunch = lanche (lanchar, lancheira, lancheiro, lancharia)*.

Talvez alguém pondere que o empréstimo de unidades lexicais estrangeiras, hoje principalmente do inglês no caso do português brasileiro, não é um recurso tão secundário assim. Aceitando, embora, que há a incorporação de muitos estrangeirismos no português brasileiro, não resta dúvida de que há muito mais neologismos com prefixos (*anti-, des-, hiper-, super-, etc.*), sufixos (*-ista, -ismo, -izar, -ção, -mento, etc.*) e até compostos, principalmente de S+S (*trem-bala*), e cruzamentos vocabulares (*amazônia*) do que empréstimos.

O recurso principal de que as línguas se servem para ampliar o léxico é a formação de palavras a partir de palavras/morfemas preexistentes. O ponto de partida do processo de formação de palavras é o que vamos chamar de base, sendo que se forem

utilizados uma base e afixos teremos o processo chamado derivação (prefixação: *pré-* + *infarto* = *pré-infarto*, sufixação: *canastrão* + *-ice* = *canastrice*) e se for utilizada mais de uma base, às mais das vezes só duas, teremos o processo chamado composição: *livro-denúncia* (*Folha*, 5/11/90, p. A-2), *anarco-surrealista* (*Folha*, 10/11/90, p. F-6: “*Bilhetes registram encontro anarco-surrealista*”).

FUNÇÕES DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Ao se objetivar responder à pergunta “Por que se formam palavras novas?” ocorre-nos a idéia da função que a palavra composta ou derivada desempenha ou o que se objetiva com a palavra nova. Basilio (64ss.) apresenta duas funções como centrais nos processos de formação de palavras, a semântica e a sintática, e observa: “A estas, devemos acrescentar a possibilidade de atribuir uma função discursiva a certos processos de formação”. Mais adiante (67), a mesma autora diz com propriedade:

Assim, levando em conta essa subdivisão, podemos pensar pelo menos em três funções fundamentais para a formação de palavras: a função de denominação, que corresponde, naturalmente, a necessidades semânticas; a função de adequação discursiva e a função de adequação sintática. Entretanto, não se pode descartar a possibilidade de que estas funções sejam mescladas, pelo menos em alguns casos.

Conjugação das três funções temos, p. ex., na seguinte frase: “*Objetivo: detonar o processo de capitalização do descapitalizado capitalismo brasileiro*” (*Folha*, 28/2/91, p. 3-2), em que *capitalização*, nominalização do verbo *capitalizar*, desempenha função precipuamente sintática, guardando, inclusive, na frase, apesar da nominalização, função de verbo ou de predicado, com o restante da frase em função de objeto direto. Já *descapitalizado* tem no prefixo *des-* função semântica, sendo que ao jogo com as três palavras que partem da raiz *capital* cabe função em primeiro lugar discursiva ou textual.

A Função Semântica

Dar nome às coisas ou seres, a novos objetos, a fatos culturais novos, a fenômenos da natureza que nos cerca ou da nossa realidade interior são fatos bastante comuns da nossa atividade lingüística e fazê-lo é dar à formação de palavras uma função semântica. *Passeata*, por exemplo, é palavra mais antiga do idioma e dela diz o *Aurélio* no subverbo 2: “Bras. Marcha coletiva realizada em sinal de regozijo, reivindicação ou protesto cívicos, ou de uma classe; caminhada”. Ora, o mesmo *Aurélio*, em sua última edição, a de 1986, ainda não registra *carreata*, que é tudo o que acima é dito de *passeata*, com a diferença de que a manifestação, mais adequada aos tempos atuais, é de carro. Já registrei, aliás, na mesma linha, *carroceata* e *tratorata*, para comícios eleitorais em regiões agrícolas, *bicicleata*, para manifestação do Partido Verde no Rio de Janeiro, *barcata* e *praiata* para manifestações políticas em Recife, e *carrinhata*, para manifestação dos catadores do lixo reaproveitável ou do “lixo que não é lixo” de Curitiba. Note-se que, como não há mudança de classe de palavra na formação de *carroceata* (de *carroça*), *tratorata* (de *trator*), *bicicleata* (de *bicicleta*) e *carrinhata* (de *carrinho*) etc., a função é especificamente semântica. Outros exemplos novos da função semântica temos em *desprivatizar* (de *privatizar*), *desregulamentação* (de *regulamentação*), *hiper-recessão* (de *recessão*), *não-inflacionário* (de *inflacionário*), *caixa-dois* (de *caixa* + *dois*, sendo que *caixa* é o núcleo), *jogo-festa* (de *jogo* + *festa*, com *jogo* como núcleo). Como se vê, esses últimos exemplos são casos de prefixação e composição, processos em que a função semântica é dominante. Mas há também sufixos – acima apresentamos palavras em *-atal-eata* – que, não mudando a classe de palavra da base, têm função precipuamente semântica: *pereira* (de *pêra*), *feijoada* (de *feijão*), *tarifaço* (de *tarifa*), etc.

A Função Sintática

Toda vez que um processo de formação de palavras opera mudança de classe de palavra temos presente a função sintática

ou a função de adequação sintática: *privatizante*, adjetivo (de *privatizar*, verbo), *desprivatizante*, adjetivo (de *desprivatizar*, verbo). Considerem-se as nominalizações de verbos principalmente e a importância dessa função na frase seguinte: “*Amato diz que Zélia admite iniciar a flexibilização do congelamento*”. (Folha, 26/2/91, p. 1-6). Essa função pode não ser exclusiva, como vemos em *vendedor*, substantivo (de *vender*, verbo), e talvez nem seja a mais importante no exemplo dado, mas ela se faz presente. Aliás, se usarmos *vendedor* como adjetivo (*a equipe vendedora*), a função sintática ganha em evidência sobre a semântica, pois a função da adequação sintática ganha destaque (*a equipe que vende = a equipe vendedora*), com o verbo sendo transformado em adjetivo para operar como adjunto do substantivo *equipe*, o núcleo, sendo que a relação semântica entre *equipe* e *que vende* e *equipe* e *vendedora* é praticamente a mesma.

A função de adequação sintática, como aliás diz a própria expressão, se revela na frase principalmente. Um adjetivo, p. ex., que na frase é adjunto de substantivo (*Ele saiu de maneira/de modo apressado*) é transformado em advérbio para modificar o verbo (*Ele saiu apressadamente*). Um verbo de oração subordinada adjetiva é transformado em adjetivo, passando a adjunto de substantivo: *A proposta civilizatória foi sumariamente derrubada pela dobradinha PMDB – PFL* (Folha, 14/4/90, p. B-2), em que *civilizatória* é adjetivação de *civilizar* (*A proposta que civiliza...*). Outro exemplo interessante de transformação de verbo em adjetivo colhi de anteprojeto do Regimento Interno da Assembléia Legislativa paranaense: *Art. 140: As emendas são supressivas, substitutivas, aditivas ou modificativas*, em que temos quatro adjetivos deverbais em função de predicativo.

Processo muito freqüente de adequação sintática é a nominalização de verbos. Em *Empresas apóiam medidas de desregulamentação, desregulamentação* está por *que desregulamentam/regulamentaram/desregulamentarão*. Na frase *Santana vai substituir equipe de liquidação da Portobrás, liquidação*, substantivo deverbal, está por *que liquida, que está liquidando, que vai liquidar* e poderia estar até, dependente do contexto, por *que liquidou*. Atente-se para as adequações sintáticas seguintes:

Collor descarta a indexação salarial, O descarte da indexação salarial por Collor... (em lugar dos três pontos caberiam *preocupa a todos, anima os trabalhadores*, etc.), *Collor descarta que indexa/que vai indexar os salários, a indexação dos salários é descartada por Collor*, etc., em que *descarte* é a nominalização de *descartar*, *indexação* é a nominalização de *indexar* e *salarial* é adjetivo derivado de *salário*. Saltam naturalmente aos olhos as vantagens que essa flexibilidade traz em termos de variedade e adaptabilidade dos recursos expressivos da língua.

A Função Discursiva

Vamos aqui destacar dois aspectos: a função de expressar aspectos subjetivos do emissor em relação ao conteúdo do que é comunicado e a função de adequação discursiva ou de adequação à estrutura do texto como um todo. Interessam-nos naturalmente somente os recursos morfológicos ou de formação de palavras.

A expressão de aspectos subjetivos do emissor se faz principalmente por meio de sufixos, ganhando destaque os sufixos pejorativos: *-ento* (*falcatruento*, [*pão*] *borrachento*), *-ice* (*pentelhice*, *bobice*), *-arada* (*gentarada*, *homarada*), *-ção* (*falação*, *perguntação*), etc. Note-se que os de grau se prestam também à expressão de aspectos subjetivos, podendo o mesmo sufixo, conforme o contexto ou a situação, expressar apreço ou despreço. *Que golzinho!* será valorativo, se meu time ganhou ou se o gol foi muito bonito. *Só um golzinho!* será depreciativo, se o jogo teve pouca ofensividade e mais defensividade, sendo de destacar o reforço das palavras *só* e *um*.

Alves (86) reporta-se ao assunto em destaque falando em razões estilísticas: “A unidade lexical neológica pode ser criada por razões estilísticas e, nesse caso, contribui para causar efeitos intencionais – estranhamento, ironia, cor local... – em uma mensagem”. Ironia teríamos em *Que gracinha!*, se dirigido à ação reprovável ou malsucedida de pessoa adulta. Ironia e despreço houve em: “(...) os que adoram um discursozinho dos po-

líticos e demais firulas ideológicas', com destaque, no presente enfoque, ao diminutivo *discursozinho*. Veja-se também a intenção de agir sobre o ouvinte com o uso dos morfemas de grau na frase ouvida de vendedor ambulante de frutas instalado em caminhonete: *Por apenas cinqüenta cruzeirinho, dois pacotão de mimosa!*, sem esquecer que a diminuição ou rebaixamento do preço, forma de abrandamento, é também buscada com a ordem, a saber, primeiro o preço, o desagradável, depois o que se compra, o agradável. Em Sandmann (1991, 79ss. e 92ss.) foram desenvolvidos aspectos ligados às restrições à produtividade lexical e estilística e ao bloqueio da produtividade lexical e estilística. Exemplos de desobediência às restrições à produtividade lexical com formidável efeito expressional são, p. ex., substantivos prefixados com *des-*: *desprefeito*, no sentido de “mau prefeito”, da capa da revista *Afinal* nº 145, de 9/6/87, e *desburocracia*, jornal *Gazeta do Povo*, de 15/6/87, p. 27, e *descritério*, *Folha*, de 12/9/90, p. A-5: “*O critério das dispensas foi um meticuloso descritério*”.

Exemplo de desobediência ao bloqueio da produtividade lexical com efeito estilístico teríamos em: *Todo dia essa lavação de roupa*, em que *lavação* não é bloqueado por *lavagem*, nome de ação deverbal neutro. *Lavação*, *perguntação*, *pingaçao* e outros substantivos em *-ção* emprestam à frase forte conotação depreciativa. Se entendermos que o objeto da estilística é o estudo das funções expressiva e apelativa da linguagem, não resta dúvida de que usar recursos morfológicos para expressar apreço ou desapeço é uma importante função da formação de palavras.

Casos de adequação discursiva ou de adequação à estrutura do texto como um todo temos em vários exemplos da seção anterior. A transformação de *que civiliza* em *civilizatória* em *A proposta civilizatória foi sumariamente derrubada pela dobradinha PMDB – PFL* tem, além da função sintática de transformar o verbo em adjetivo, a função de adequação discursiva, a saber, o adjetivo traz a vantagem de não ser uma palavra condicionada ao emprego das flexões próprias do verbo, isto é, número e pessoa e principalmente tempo, modo e aspecto. A ação de civilizar atribuída a *proposta* é mais genérica em termos de tempo, modo e aspecto, que o verbo infalivelmente expressa em relação ao su-

jeito. O exemplo seguinte *As emendas são supressivas, substitutivas, aditivas ou modificativas*, em que quatro adjetivos deverbais estão em função predicativa, apresenta as mesmas vantagens de não prender as ações atribuídas a *emendas* a tempo, modo ou aspecto. Finalmente em *Empresas apóiam medidas de desregulamentação* temos um caso de nominalização do verbo *desregular*, em que o substantivo verbal *desregulamentação* pode estar por *que desregulam/desregularam/desregulamentarão*, com a vantagem, novamente, de serem dispensadas as flexões verbais de tempo, modo e aspecto principalmente.

DENSIDADE SEMÂNTICA DA PALAVRA COMPLEXA

Motivo importante para se formarem palavras parece-nos ser o de ordem econômica. Se confrontarmos pares de adjetivos como *bonito – feio, gordo – magro, alto – baixo*, de um lado, com *típico – atípico, leal – desleal, feliz – infeliz*, de outro, vemos que, na primeira série, temos seis vocábulos de origem independente e que, no segundo grupo, temos, cada vez, dois vocábulos relacionados mais intimamente porque a base é a mesma. O mesmo se pode dizer de outros grupos: *roubar – ladrão, ensinar – professor, aprender – aluno*, de um lado, *vender – vendedor, comprar – comprador* e *procurar – procurador*, de outro, ou *pesar – balança, cortar – faca, atirar – revólver* e *furar – furadeira, cortar – cortadeira, limpar – limpador*. Naquele caso temos pares formados de verbo e nome de agente, com raízes diferentes, ao lado de pares de verbo e nome de agente em que o agente é derivado do verbo, sendo que neste último caso temos pares de verbo e nome de instrumento, com raízes diversas, ao lado de pares de verbo e nome de instrumento em que o instrumento é derivado do verbo. O fato de dois vocábulos apresentarem a mesma raiz, serem corradicais, configura, sem dúvida, um aspecto de economia para a memória, como observa Basilio (10).

Fato análogo ao acima apresentado temos na formação de outros derivados, principalmente os mais longos, em que a eco-

nomia está principalmente na diminuição de palavras necessárias para expressar algo. Tomemos como exemplo *incomensurabilidade*, registrado pelo Aurélio. Partindo de *mensura* “medida”, temos o verbo *mensurar*, o adj. *mensurável* “que pode ser medido”, sinônimo de *comensurável*, em que o prefixo *co-* sincronicamente nada acrescenta, *incomensurável* “que não pode ser medido” e, finalmente, *incomensurabilidade*, substantivo abstrato e que pode ser traduzido por “qualidade do que não pode ser medido”, com o emprego de sete palavras para dar o significado de uma. Outro exemplo de derivado longo de grande economia é *desincompatibilização*. Para simplificar, vamos sincronicamente partir de *compatível*, eis que não se poderá meridianamente atribuir significado a *pat-* embora existam *apatia*, *simpatia* e *antipatia*, *apático*, *simpático* e *antipático*, *simpatizar* e *antipatizar* (ver item “Diacronia e Sincronia”). De *compatível* se poderá chegar a *incompatível* ou *compatibilizar*. De *incompatível* se chegará a *incompatibilizar*, depois a *incompatibilização* ou *desincompatibilizar* e, finalmente, a *desincompatibilização* “ato ou efeito de desincompatibilizar(-se)”, segundo o Aurélio, sendo que *desincompatibilizar*, de acordo com o Aurélio, é “tirar a incompatibilidade”, enquanto *incompatibilidade* pode ser definido como “qualidade daquilo que não é compatível”.

Fato que, nesse contexto, merece consideração e que se apresenta como uma vantagem é que os afixos, por serem em geral elementos presos, são de função e semântica mais estável, mais padronizada, prestando-se, por conterem idéias gerais, a formações em série: considerem-se, apenas para exemplificação, o prefixo *re-* “de novo” e o sufixo *-izar*, formador de verbos a partir de adjetivos e substantivos, e ainda o sufixo *-eira/-eiro*, com que, a partir do nome de frutas, formamos nomes de árvores, árvores que dão as frutas que estão na base do processo derivacional: *banana* + *-eira* = *bananeira*, *abacate* + *-eiro* = *abacateiro* (o gênero da fruta faz com que se selecione *-eira* ou *-eiro*, guardando a árvore o gênero gramatical da fruta).

Alguns exemplos de frases colhidas de periódico servirão

aqui de exemplo e testemunho de economia constatável em palavras complexas por sua densidade semântica (sublinharemos algumas palavras).

a) Ano passado, as grandes empresas atravessaram a *estagnação* brasileira com *rentabilidade* média de 17,6% sobre o patrimônio líquido. Elas simplesmente *sobrenadaram* o brejo da crise com elevados índices de *liquidez*, baixos índices de *endividamento*, gordas margens de *lucratividade*, saudáveis *encaixes* de *capitalização*. Produziram menos e ganharam mais. (*Folha*, 15/2/89, p. B-2);

b) É um absurdo a censura que está ocorrendo na rádio USP. Quando se deixará de lado esse *provincianismo* de *republisheta terceiro-mundista*? (*Folha*, 7/5/89, p. A-3);

c) Ela (a estagnação) precisa só de um leve safanão de *desaquecimento*, *desabastecimento*, *desinvestimento*, essas coisas que o choque produziria do dia para a noite. (*Folha*, 11/3/88, p. A-24)

3. TIPOS COMUNS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

No presente capítulo abordamos os processos de formação de palavras da composição e da derivação e respectivos subtipos e os chamamos de comuns, porque são os mais produtivos e os que comumente são tratados nas gramáticas tradicionais. Ao próximo capítulo damos o nome de “Tipos especiais de formação de palavras”, compreendendo-se aí a abreviação, o cruzamento vocabular, a reduplicação e a analogia. Excetuando a abreviação, de produtividade crescente, os outros processos são realmente de produtividade reduzida e não são normalmente abordados em nossas gramáticas tradicionais, razão por que os chamamos de tipos especiais.

No presente capítulo, além dos vários tipos de compostos e derivados, preocupa-nos a distinção ou a justificativa das distinções feitas entre composto e grupo sintático paralelo e entre composição e derivação, especificamente entre composição e prefixação, composição e sufixação e também entre prefixação e sufixação. As dimensões do presente trabalho não permitem, naturalmente, que se persigam essas metas mais profunda e extensivamente. A distinção entre derivação e flexão não é abordada neste trabalho, sendo que remetemos o leitor interessado ao livro anterior desta série, *Morfologia Geral*.

FRONTEIRAS LEXICAIS

Composição x grupo sintático paralelo

A composição ou palavra composta se distingue do grupo sintático paralelo por alguma forma de isolamento ou distancia-

mento. Essas formas de isolamento podem estar fundadas nos critérios semântico, sintático, morfológico ou fonológico. Antes, porém, de apresentarmos ligeiramente o que são esses critérios, é preciso dizer que há grupos sintáticos permanentes ou fixos e grupos sintáticos eventuais. Exemplos de grupos sintáticos fixos são *tênis de mesa* “tipo de jogo ou esporte” e *meio ambiente*. Exemplos de grupos sintáticos eventuais seriam *pé de meia* (que deixei cair) e *copo de leite* (que bebi). O que faz aqueles serem fixos e estes eventuais são aspectos culturais: aqueles referem-se a entidades estabelecidas da nossa cultura, como que estereotipadas, com nomes permanentes, com caráter, portanto, de lexemas, enquanto os grupos sintáticos eventuais são sintagmas da frase, produzidos *ad hoc*: ao lado de *copo de leite*, p. ex., posso formar na frase *copo de cerveja, copo de vinho, copo de cachaça*, etc., dependendo do líquido que o mesmo contiver. Para efeito de distinção entre composto e grupo sintático paralelo não se faz, aqui, no entanto, diferença entre grupo sintático permanente e grupo sintático eventual. Os critérios que os distinguem do composto são os mesmos.

Em português, como veremos mais adiante, o critério que mais nos é útil para distinguir grupo sintático de composto é o critério semântico. Ideal seria, no entanto, que composto e grupo sintático se diferenciasssem por mais critérios. Em *mesatenista* (o *Aurélio* grafava *mesa-tenista*, a meu ver erradamente) “jogador de tênis de mesa”, p. ex., três critérios, principalmente, contribuem para que tenhamos um composto. O fonológico: *mesa* é átona; o morfológico: *mesa* não recebe flexão de plural (*mesatenistas*); o sintático: não é da frase termos a seqüência de dois substantivos em que um determina o outro (*mesa* determina ou especifica *tenista*), seqüência a que Bauer (106), dá o nome de “*N + N collocation*”. Em *aguardente* “cachaça” a atonicidade de *água* e a crase dos *aa* constituem aspectos fonológicos que distinguem essa palavra do grupo sintático *água ardente*. A ausência de flexão no final do primeiro elemento (*aguardentes*) é um aspecto morfológico e, finalmente, o sentido especializado “cachaça”, que exclui qualquer outra “água que arde ou ardida”, constitui critério semântico de distinção.

Que o critério semântico é o que geralmente mais nos socorre para distinguir composto de grupo sintático mostra o seguinte exemplo: *copo-de-leite* “tipo de flor” não se distingue de *copo de leite* “copo com leite” pelo critério fonológico, pois a pauta acentual é a mesma (*côpo-de-léite*, *côpo de léite*), nem pelo critério morfológico, pois a formação do plural é a mesma (*copos-de-leite*, *copos de leite*), nem pelo sintático: a seqüência S + de + S é comum na frase: *casa de tijolos*, *casa de operário*. O que nos socorre de fato é a semântica: *copo-de-leite* “tipo de flor”, com base na semelhança, aspecto metafórico, é uma entidade distinta de *copo de leite* “copo com leite”. *Roupa-branca* (S + A), sinônimo de *roupa de baixo*, é um composto com base apenas na semântica: ocorreu uma opacificação do todo *roupa + branca*, que não precisa necessariamente ser branca. A extensão do sentido *roupa + branca* para *roupa de baixo* se deu por associação espacial, processo da metonímia: a *roupa de baixo* é ou era, em geral, branca. Outro exemplo em que o composto se distingue do grupo sintático apenas pela semântica é *boa-vida* (A + S) “pessoa pouco afeita a trabalho ou esforço”, também fruto de associação espacial, a metonímia: *ele leva boa vida* = *ele é um boa-vida*. Ao leitor interessado em mais detalhes sobre o assunto aqui em discussão remetemos a Sandmann (1990).

Composição x derivação

Parece-me que a diferença principal entre a derivação e a composição é que na derivação temos uma base e um afixo (na derivação parassintética temos, além da base, dois afixos: um prefixo e um sufixo), cabendo a este expressar uma idéia geral e à base uma idéia particular ou menos geral, e na composição temos bases, via de regra duas. O que caracteriza os afixos, justamente por veicularem idéias gerais, é constituírem um elenco fixo, não muito numeroso e praticamente fechado de determinado código lingüístico. Tomemos, para exemplificar, o prefixo *ex-* “o que era, o que foi” (*ex-aluno*) e o sufixo *-iano*, unido muitas vezes a nomes próprios de pessoas para expressar “que diz respeito a”:

nasseriano, thatcheriano, giugiariano (Folha, 27/11/90, p. F-12: “Inovações giugiarianas”, relativo ao designer italiano Giorgetto Giugiaro). O prefixo *ex-* “o que era, o que foi” pode ser unido a todo substantivo que indica estado, profissão ou emprego (*ex-marido, ex-professor*) e nesse sentido é de produtividade por assim dizer ilimitada, sendo que as prefixações com esse *ex-* são realmente freqüentes. O sufixo *-iano*, por sua vez, é igualmente de produtividade praticamente ilimitada – pode ser unido a todo nome próprio de pessoa, bastando para isso que haja oportunidade ou necessidade – e a produção, como mostram os exemplos mais novos acima, é igualmente considerável.

Às afixações com *ex-* e *-iano* comparemos agora as seguintes composições, isto é, palavras complexas formadas com a união de bases: *professor-show, banqueiro-cowboy, vídeo-torpedo* e *coronel-senador*. Salta aos olhos que os substantivos que serviram de bases para formar esses compostos expressam idéias particulares, sendo de esperar, por isso, que com eles não se formaram, o que aliás se confirma, ou formem muitas palavras complexas. Há, naturalmente, bases que podem ser mais produtivas, por exemplo, o verbo *parar* (*pára-brisa, pára-quedas*, etc.), o verbo *guardar* (*guarda-louça, guarda-roupa*), os substantivos *padrão* (*língua-padrão, operário-padrão*), *chave* (*palavra-chave, figura-chave*), *modelo* (*escritório-modelo, oficina-modelo*) e outros, mas cuja produção nem de longe se há de comparar com a dos prefixos *re-* e *des-* ou dos sufixos *-ção, -mento* e *-ista* ou *-ismo*, p. ex. Parece-me que os códigos lingüísticos preferem justamente unidades como as acima arroladas por não ocorrerem livremente na frase, por serem mais abstratas, isto é, por não se referirem sozinhas ou isoladamente a entidades do nosso universo biofísicopsicossocial. A propósito comparem-se, por exemplo, *-eiral-eiro* (*banana + -eira = bananeira, abacate + -eiro = abacateiro*) com *árvore, planta* ou *arbusto*: *árvore que dá bananas/abacates, arbusto que dá amoras, planta que dá tomates*. *-Eiral-eiro* é mais genérico, mais abstrato, não tem sozinho conotações, no que se diferencia de *árvore, arbusto, planta, erva*, etc. Outro exemplo seria *-ada* no sentido de “golpe”: *facada, coronhada*, p. ex., em que a semântica exata do todo está condicio-

nada a características da base: a faca fura ou corta, a coronha não, sem levar em conta os outros significados de *-ada* (*churrascada, noitada, colherada*, etc.).

Composição x prefixação

Algumas considerações mais, além das que se fizeram na seção anterior, confrontando composição e prefixação. Quanto à estrutura temos que os compostos vernáculos têm estrutura diferente da das prefixações: composto vernáculo: DM-DT (*sessão-festa, cidade-pólo, caça-talentos*); prefixação: DT-DM (*pós-nacionalista, rearrumação, megatendência*). Por sua vez, os compostos formados pelo modelo clássico ou estrangeiro, compostos que chamamos de neoclássicos, têm estrutura igual à das prefixações, isto é, DT-DM (*videolocadora, radiorreporter, motogincana*), e são justamente esses que dificultam a distinção entre composição e prefixação, sendo necessário encontrar pontos que permitam essa separação. Observe-se, por outro lado, que essa igual estrutura das prefixações e dos compostos neoclássicos deve ter contribuído para que muitos gramáticos do passado não distinguíssem os dois processos ou incluíssem a prefixação na composição (v. Dardano, 111 ss.).

O ser elemento livre ou preso não tem sido suficiente para distinguir prefixação de composição, embora a maioria dos prefixos sejam elementos presos. As gramáticas tradicionais incluem, por exemplo, *contra* e *além*, elementos que também ocorrem livremente na frase, entre os prefixos. Modernamente é muito fecunda a formação de palavras complexas com *não* (*não-tradicional, não-lançamento*), considerado em geral prefixo (v. Alves, 15). Há, por outro lado, muitos compostos formados de duas bases ou ao menos com uma base presa: *quadrissemana, tarólogo* de (*tarô* + *-logo*). Excluir do rol de prefixos os “formativos que apresentem qualquer grau de mobilidade” (Basilio, 1990, 6) parece envolver aspectos problemáticos, pois formativos cujo caráter de sufixos ninguém discute também podem apresentar mobilidade: “Papai só se contentava se fosse um érrimo em tudo” (de

monografia de aluna de pós-graduação), “De nada adiantará aumentar o número de deputados enquanto forem eleitos, apenas, fisiologistas, lobistas, sindicalistas e outros istas” (*Folha*, 17/7/90, p. A-3). Distinguir por esse critério o que é prefixo de radical ou base também apresenta problemas. Não se discute que há prefixos mais fácil ou comumente móveis do que outros. Soa bem normal uma frase como “Ela é responsável pelo tratamento pré e pós-operatório.” Ou estes outros: “(...) este argumento deve ser música para os 68% de analfabetos, ou semi, entre os 80 milhões de eleitores.” (*Folha*, 26/10/89, p. B-11) e “(...) o homenageado (...) confabula com o ex e atual Carlos von Schmidt.” (*Folha*, 29/10/89, p. F-1). Mas quem dirá que são inteiramente inaceitáveis seqüências como *não a mas antiética*, *Não se deve se mas conduzir a jovem desnorçada*, principalmente em contextos de forte emocionalidade, sem falar nos textos de intenção metalingüística: Em “seduzir” e “conduzir” é difícil ver sincronicamente os prefixos *se* e *com*.

Parece, como foi observado no início desta seção, que o que distingue o prefixo é o fato de ele expressar uma idéia geral, idéia expressa por preposições (*sem-vergonha*, *co-ministrar*), advérbios (*rebatizar*, *não-alinhado*) e adjetivos: *superdocente*, *não-tecido* (*Folha*, 4/12/90, p. B-2: “Não-tecidos são aqueles tecidos que ninguém vê”), ficando excluídos os substantivos e verbos, que expressam idéias particulares, com destaque, aqui, àqueles: *logomania*, *logopedia*, *psicologia*, *psicografia*. Observe-se que há adjetivos que expressam idéias gerais (*grande/pequeno* ou *macro-/micro-*, *maxi-/mini-*) e idéias relativizáveis (*grande/pequeno em relação a*) e adjetivos que expressam idéias particulares, menos gerais ou mais específicas e não-relativizáveis: *paroquial* (avisos paroquiais), *natalino*, *vacum*. Pois são justamente os que expressam idéias gerais os que serão considerados prefixos: *super-*, *mega-*, *pseudo-*, *anti-* (*anti-herói*), *maxi-*, *mini-*, *micro-*, *macro-*, etc. Observe-se, a propósito, que o *Formulário Ortográfico* considera *super-*, *pseudo-* e *anti-* prefixos, porém não os demais que acabamos de listar. Baseado em que critérios, é uma boa pergunta. Note-se, finalmente, que justamente o fato de o prefixo expressar uma idéia geral é responsável por sua maior produtivi-

dade, por sua maior recorrência. por sua produção como que em série.

Composição x sufixação

Distinguir composição de sufixação é, em certo sentido, mais fácil do que distinguir composição de prefixação. A razão disso é que, excetuando usos estilísticos como “Leva o tempo a falar em futurismo, dadaísmo e outros ismos” (do *Aurélio*, verbete *ismo*), o sufixo é sempre um elemento preso e sinsemântico, isto é, só tem sentido juntamente com a base. Dizer, p. ex., que *marmeleiro* é “árvore que dá marmelo” é perfeito, mas não se dirá que *marmeleiro* é um “eiro que dá marmelo”, nem que *moreirada* (*Folha*, 5/12/90, p. A-3) é uma “ada (eticamente discutível) de Moreira (Franco)”.

O sufixo, por outro lado, como diz aliás a própria etimologia da palavra (*sub-* + *fixo*), aparece sempre em segundo lugar, depois, abaixo (*desatrelar* + *-mento* = *desatrelamento*), o que não acontece com o radical preso (*grafologia*, *datilógrafo*, *logotecnia*, *diálogo*) ou com a palavra: *professor-show* (*Folha*, 14/11/90, p. Fovest 1), *médico-professor*, *vídeo-torpedo* (*jornal Correio de Notícias*, 24/10/90, p. 1), *cinevídeo*.

Quanto à estrutura da palavra sufixada e da palavra composta há a destacar o seguinte: excetuando as palavras com sufixo de grau (*cartãozinho*, *cartãozão*), cuja estrutura é DM-DT, as sufixações têm sempre a estrutura DT-DM, isto é, o sufixo é determinado ou núcleo da palavra, isto por sua função sintática de mudar a classe da palavra: *culpável* + *-izar* = *culpabilizar* (*Folha*, 4/12/90, p. A-2) – a que pode acrescer uma função semântica –, ou por sua função de mudar a subclasse da palavra: *autarquia* + *-ismo* = *autarquismo* (*Folha*, 27/11/90, p. A-2: “Que seja avesso ao populismo, ao corporativismo exacerbado e ao autarquismo econômico.”), quando a função semântica é preponderante. O composto, por outro lado – falamos do composto determinativo ou subordinativo –, pode ter a estrutura DM-DT (*atividade-meio*, *porta-recados*, *visita-surpresa*), composto que cha-

mamos de vernáculo, ou a estrutura DT-DM, composto construído segundo o modelo clássico greco-latino ou sob influência de línguas anglo-germânicas, especialmente o inglês: *videolocadora*, *mesatenista*, *radiorrepórter*, *auto-escola*, composto que chamamos de neoclássico.

Expressão de uma idéia geral, o sufixo se presta a formações em série, com o que não se há de dizer que um sufixo não possa tornar-se improdutivo: não temos encontrado, p. ex., formações novas em *-ez* (*estúpido* – *estupidez*) ou *-ude* (*concreto* – *concretude*). Exemplos de sufixos produtivos no passado e no presente: *-ismo* (*petismo*, *quercismo*, *thatcherismo*, *moreirismo*), *-ista* (*hegemonista*, *moreirista*, *redencionista*, *consumerista*), *-ção* (*sarneyzação*, *laicização*, *miniaturização*). Semelhantemente a isso há palavras, elementos livres, que às vezes se prestam a formações mais numerosas, tornando-se como que recorrentes (v. item “Composição x derivação”): *aluno-fantasma*, *professor-fantasma*, *funcionário-fantasma*; *palavra-chave*, *homem-chave*, *figura-chave* e outros. Note-se, a propósito, que essas palavras são, nesses casos, esvaziadas de sua função denotativa ou denominadora para assumirem função antes conotativa, qualificativa ou predicativa.

Prefixação x sufixação

A etimologia das duas palavras já nos dá uma diferença entre as duas figuras: o prefixo vem antes da base (*desatrelar*) e o sufixo, depois (*desatrelamento*), mas essa é uma diferença mais superficial. Mais importante é a diferença de função: em *desatrelar*, o *des-* tem função apenas semântica: ele indica reversão, volta, em outros termos, é reversativo. Já em *desatrelamento* a função de *-mento* é sintática, isto é, faz do verbo um substantivo. Em *suburbanice* (*Folha*, 6/12/90, E-16), o sufixo *-ice* tem função sintática – transforma o adjetivo em substantivo – e semântica: o resultado da sufixação é o sentido depreciativo, que a base *suburbano* não tem necessariamente. Em *marmeleiro*, em que *-eiro* muda a subclasse da palavra (fruta = árvore que dá a fruta), a

função é sintática e semântica. Já nos sufixos de grau a função não é mudar a classe nem a subclasse da palavra, sendo então simplesmente semântica (*borrachinha* “borracha pequena”, *livrão* “livro grande ou grosso”) ou semântica e discursiva, como em *discursozinho*, empregado no contexto “(...) os que adoram um discursozinho dos políticos e demais firulas ideológicas” (Folha, 7/11/90, p. A-2), em que a pejoratividade está amarrada aos demais termos do contexto – note-se que *discursozinho* pode ser valorativo em outro contexto. Referindo-se a um discurso de formatura que agradou, alguém pode exclamar aprovadamente: *Que discursozinho!*

Quanto à estrutura da prefixação e da sufixação temos que o prefixo é sempre DT (*supermercado*, *hipermercado*, *minimercado*) e na sufixação, excetuando o morfema de grau, que também é DT (*mercadão*, *mercadinho*), o sufixo é DM, isto é, o núcleo, porque lhe cabe a função de mudar a classe ou subclasse da base: em *psicodelismo* (Folha, 5/12/90, p. E-5), por exemplo, *-ismo*, substituindo o *-ico* de *psicodélico*, muda um adjetivo em substantivo.

Como diferenças principais entre prefixação e sufixação temos, pois, que a prefixação tem função primordialmente semântica e a sufixação principalmente sintática, sendo que o sufixo, por outro lado, excetuando o de grau, constitui o núcleo da palavra complexa produzida, e o prefixo, o adjunto.

COMPOSIÇÃO

Nos compostos formados de palavras ou radicais pertencentes a classes de palavras diferentes, de estrutura sempre binária, tem-se sempre um elemento que é o principal, o núcleo, e um elemento que é o especificador, o adjunto. São, portanto, compostos determinativos ou subordinativos. Esses tipos de compostos distinguem-se por combinações variadas: A+S (*cara-metade*, *puro-sangue*); S+A (*mesa-redonda*, *pé-frio*); V+S (*beija-flor*, *mata-junta*), modelo bastante produtivo na variedade do português dito popular; PRON+S (*seu-vizinho* “dedo anular”);

S+PRON (*pai-nosso* ou *padre-nosso* “a oração”, *joão-ninguém*); NUM+S (*onze-letras*; *zero-quilômetro* “carro novo”); S+NUM (*camisa-dez* “centroavante no futebol”). Também são subordinativos os compostos formados de S+de+S (*pé-de-moleque* “o doce”, *casca-de-ferida* “pessoa grosseira”), modelo também bastante produtivo no português.

Nos compostos formados de elementos pertencentes à mesma classe gramatical, via de regra dois adjetivos (A+A) ou dois substantivos (S+S), a relação entre os elementos pode ser de ordenação, compostos chamados coordenativos ou copulativos, ou de subordinação, compostos chamados subordinativos ou determinativos. Nos compostos de S+S coordenativos temos uma entidade que é duas ou mais coisas ao mesmo tempo e em igualdade de condições: alguém é *cantor-compositor*, *copeira-faxineira*, uma dependência da casa é *copa-cozinha*, como podemos ter um *bar-restaurante* e uma *meia-calça*, sendo que alguém pode ser *cantor-compositor-ator*, o que mostra que a estrutura não é binária. O mais comum é termos, no entanto, compostos de S+S subordinativos ou determinativos, de estrutura necessariamente binária: *trem-bala*, *samba-enredo*, em que *trem* e *samba* são os núcleos especificados, respectivamente, por *bala* e *enredo*. Nos exemplos que acabamos de apresentar a seqüência é DM-DT, sendo que também podemos ter a seqüência DT-DM: *videolocadora*, *cin clube*, em que temos uma *locadora* e um *clube* especificados por *video* e *cine*, respectivamente.

Exemplos de compostos de adjetivos, coordenativos, temos em *franco-britânico*, da frase “Túnel franco-britânico cruza Canal da Mancha” (*Folha*, 31/10/90, p. A-17), e em *tratado brasileiro-uruguaio*, que podemos estender a *tratado brasileiro-uruguaio-argentino*, mostrando que a estrutura não é binária. Mas os compostos de adjetivos também podem ser subordinativos: em *cultura afro-brasileira* temos *cultura brasileira de influência africana*, com o adjetivo composto especificando *cultura* e *afro* especificando *brasileira*. Do mesmo modo em colônia *italiano-brasileira* (*de Santa Felicidade*), *italiano-brasileira* determina *colônia* e *italiano* determina *brasileira*. Importante é saber que esses compostos são formados de apenas dois adjetivos, eis que a estrutura é infalivelmente binária.

Mas não se esgotam aí as possibilidades de a língua portuguesa formar compostos. Há compostos atípicos, aos quais, na falta de outro nome, vamos chamar de exóticos. Há alguns de natureza onomatopaica (*bem-te-vi*, *fogo-apagou*), há compostos com diferente preposição (*zero-à-esquerda*, *ponta-a-ponta*, da frase “Inflação chega a 15,87% pelo índice ponta-a-ponta da Fipe.”) (*Folha*, 31/10/90, p. B-5), *três-em-um*, tipo de aparelho de som, escrito em geral em algarismos: *3 em 1*, sem hífen), como há compostos de NUM+e+NUM (*vinte-e-quatro* “pederasta passivo”), V+e+V (*vira-e-mexe*, *sobe-e-desce*) ou formados de segmentos variados de sentenças (*louva-a-deus*, *faz-de-conta*) e de sentenças inteiras: *tomara-que-caia*, *maria-vai-com-as-outras*, *já-te-vi* e *faz-me-rir*, os dois últimos, nomes dados jocosamente para “comida requentada” e “contracheque”, respectivamente. Temos observado, aliás, que formações desse tipo não são raras atualmente: *rouba-mas-faz* (*Folha*, 2/10/90, p. A-3: o contexto fala na *política do rouba-mas-faz*), *bem-que-eu-avisei* (*Folha*, 9/10/90, p.A-14: “Israel adotou a posição do bem-que-eu-avisei.”), em que conjuntos sintáticos mais longos desempenham função de palavra ou unidade lexical, tendo-se unidades sintáticas cristalizando-se numa função morfológica ou léxica.

Lembramos, finalmente, os numerosos compostos com *João* e *Maria*, o que é um reflexo cultural na língua: *joão-de-barro*, *joão-ninguém*, *joão-pestana*, *joão-qualquer-coisa*, *maria-mole*, *maria-mijona*, *maria-fumaça*.

Compostos metafóricos e metonímicos

Salta aos olhos, quando se examina a semântica das palavras compostas, quão grande é o número de compostos metafóricos e metonímicos, o que não causa espécie se se considerar que é principalmente o fator semântico que é responsável em português pela distinção entre composto e grupo sintático paralelo, em outros termos, pela constituição da palavra composta (v. Sandmann, 1990, 6s.).

Quando o fundamento de se aplicar o significante de um

signo lingüístico a outro referente repousa na semelhança entre os referentes dizemos que temos uma metáfora, em outras palavras, há uma transferência baseada na semelhança: é o caso de *copo-de-leite* “flor”, *perna-de-moça* “tipo de pescada”, *penete-fino* “*operação policial*”, *peixe-espada*, merecendo destaque o fato de que nos três primeiros exemplos o composto todo é metafórico, enquanto que no último exemplo (*peixe-espada*), só *espada* é metafórico, o adjunto, portanto. Outros exemplos do segundo caso seriam *trem-bala* e *remédio-porrete*.

Quando o significante de um signo lingüístico passa a ser aplicado a outro referente do nosso universo com fundamento na contigüidade ou na coocorrência espaço-temporal dos referentes, dito de outra maneira, quando a transferência se dá com base na contigüidade física, dizemos que o composto é metonímico: (*Ele come*) *bóia fria* = (*Ele é um*) *bóia-fria*, (*Ele tem*) *cara pálida/pele vermelha* = (*Ele é um*) *cara-pálida/pele vermelha*. Outros exemplos seriam: *beija-flor*, *mão-pelada*, *boina-verde*, *gola-vermelha*, *dedo-duro*. Como se vê pelos exemplos, tanto de compostos metonímicos como metafóricos, revela-se aqui a criatividade principalmente da variedade dita popular da língua.

Compostos endocêntricos e exocêntricos

Cotejando os dois nomes de peixe *perna-de-moça* e *peixe-agulha*, podemos ver que em *peixe-agulha* o nome do referente, um peixe, tem expressão lingüística no núcleo do composto, isto é, peixe. Já em *perna-de-moça*, o núcleo *perna* não se refere isoladamente a peixe, porém só o todo tem peixe como referente. No caso de *peixe-agulha*, em que o núcleo *peixe* se refere literal ou diretamente ao objeto que designa e apenas o adjunto *espada* é usado figurada ou metaforicamente, dizemos que o composto é *endocêntrico*. Já em *perna-de-moça*, em que a seqüência toda é empregada figurada ou metaforicamente, dizemos que o composto é *exocêntrico*.

Em termos de motivação podemos naturalmente dizer que o composto endocêntrico é mais diretamente motivado do que o

composto exocêntrico. Em *ataque-relâmpago*, composto endocêntrico, temos em primeiro lugar um ataque, palavra que forma o núcleo do composto. Em *viúva-negra* “tipo de aranha caranguejeira”, composto exocêntrico, a motivação é menos direta, pois o referente não é literalmente uma viúva, mas uma aranha. Para entender um composto exocêntrico precisamos ser literalmente iniciados. É claro que a semelhança, no caso da metáfora, é a ponte que nos leva por fim ao referente, mas é necessária a iniciação. O mesmo se pode dizer de compostos metonímicos como *beija-flor*, *mata-burro*, *barriga-verde*, *pé-de-meia*, *chapa-branca* “automóvel oficial”, *mão-aberta*, *mão-fechada*, todos compostos metonímicos e exocêntricos, em que a contigüidade é a parte ou o caminho que nos leva a associar a expressão complexa com o referente. Só sendo iniciado entendo que *beija-flor* é outro nome para *colibri* e não de outro referente do nosso universo, mas também é fato que os hábitos do passarinho são motivo para o nome, são a base da motivação do composto.

DERIVAÇÃO

Os processos mais comuns de derivação, a prefixação e a sufixação, receberam trato que julgamos suficiente, no presente trabalho – dadas as dimensões do mesmo –, em várias seções do capítulo anterior “Fronteiras lexicais”. Daremos, por isso, atenção, nas seções seguintes, apenas aos processos menos comuns ou não tão comuns ou, se se quiser, aos modelos derivacionais idiossincráticos: a derivação regressiva, a derivação parassintética, a derivação imprópria, que preferimos chamar de conversão, e os oneônimos em *-ex*, *-ol* etc.

Derivação Regressiva

Falando em derivação regressiva é preciso distinguir dois tipos bastante diversos: o primeiro é o que produziu, por exemplo, de *sarampão*, *sarampo* e, de *legislador*, *legislar*, e o segundo é o

que forma regularmente substantivos-nomes de ação a partir de verbos: *encaixar* = *encaixe*, *acertar* = *acerto*, *descascar* = *descasca*. Em *sarapão* = *sarampo* a terminação *-ão* foi sendo entendida como sufixo de aumentativo e retirada, resultando a forma de grau normal *sarampo*, forma mais branda da doença, sendo *sarapão* entendido como forma mais grave. Em *legislador*, seqüência do latim *legislatore*, segundo o *Aurélio*, tirou-se o sufixo de agente *-dor*, resultando o verbo, cuja forma de citação é o infinitivo *legislar*. Como se vê, tanto em *sarapão* = *sarampo* como em *legislador* = *legislar* temos fenômenos eventuais ou ocasionais, produtos em cuja base não está uma regra ou modelo produtivo abstraível e formalizável como temos, p. ex., em *agitar* + *-ção* – *agitação* (V – *-ar* = S) ou em *agitar* – *agito* (V *-ar* = S), sendo que *agito* seria produto da derivação chamada regressiva.

O leitor talvez ou provavelmente esteja perguntando o que é o *-o* final de *agito*. Será que não pode ser considerado um sufixo, como seriam o *-a* de *engorda* ou o *-e* de *desmame*? Será que o corpo diminuto, apenas uma vogal, desaconselha atribuir-lhe o *status* de sufixo? Parece não ser esse o caso, eis que temos também prefixos de uma vogal só: *imoderado*, *acomodado*, *emigrar*. Comparando com outras línguas, temos o caso do alemão em que se formam substantivos deverbais com o acréscimo de um *-e* ao radical do verbo: *suchen* “procurar” – *Suche* “procura”, *lehren* “ensinar” – *Lehre* “ensino, ciência” (v. *Fleischer*, 132ss.). Que não é um simples fonema paragógico que se acrescenta para completar a sílaba é o fato de essa vogal paragógica ser sempre *-e*, como se vê na adaptação de empréstimos (*snob* – *esnobe*, *sputnik* – *esputinique*, *lunch* – *lanche*, *shoot* – *chute*). Por outro lado, essa vogal é acrescentada também quando a estrutura silábica a dispensaria: *degolar* – *degola*, *deslizar* – *deslize*, *amparar* – *amparo*. Outro fato a ponderar é que, se se atribui a essa vogal *status* de sufixo, não temos mais derivação regressiva e sim uma derivação sufixal aditiva como as demais.

Questão também intrigante é a que diz respeito à escolha da vogal ou à previsibilidade de qual vogal será acrescentada, já que temos três. A respeito disso não temos nenhuma hipótese a le-

vantar, a não ser a de que muitas vezes é possível prever qual vogal não aparecerá: é o caso de *mama* – *desmamar* – *desmame*, *justo* – *ajustar* – *ajuste*, *fruta/fruto* – *desfrutar* – *desfrute*, etc. No caso de deverbais formados de verbos parassintéticos, a vogal final desses deverbais é, em geral, diferente da da base que deu origem ao verbo: *mama*, mas *desmame*, *justo*, mas *ajuste*, sendo que de *casca* se formou *descascar* e daí *descasque* ao lado de *descasca*, sem contar *descascação*, *descascamento* e *descascadura*.

Derivação parassintética

Muitas palavras complexas há na língua portuguesa que são produto de prefixação e sufixação, apresentando muitas até mais prefixos e sufixos: *indecomponibilidade*, *desincompatibilização*, sendo de notar, no entanto, que esses acréscimos são sucessivos todos e numa seqüência que se procura definir quando se estuda a direcionalidade ou a seqüência de aplicação das regras de formação de palavras. Sotopondo números podemos estabelecer a direcionalidade $\frac{i}{5} \frac{n}{4} \frac{d}{2} \frac{e}{1} \frac{c}{3} \frac{o}{6} \frac{m}{6} \frac{p}{3} \frac{o}{3} \frac{n}{3} \frac{i}{3} \frac>bilidade}{3} \frac{d}{3} \frac{a}{3} \frac{d}{3} \frac{e}{3}$ ou $\frac{i}{6} \frac{n}{6} \frac{d}{3} \frac{e}{3} \frac{c}{3} \frac{o}{3} \frac>mponibilidade}{3}$, e ainda outras possibilidades mais

haveria. Pois o que distingue a derivação parassintética é o fato de o acréscimo de sufixo e prefixo ser simultâneo: $\frac{e}{2} \frac{n}{1} \frac{c}{1} \frac>aixote}{1}$ – ignoramos que *caixote* é derivado de *caixa* com o acrés-

cimo do sufixo de grau *-ote*. Outros exemplos: *desfrutar*, *apaixonar(-se)*, *depenar*. Também adjetivos são formados por derivação parassintética: *achocolatado*, *descadeirado*, *descamisado*. Observe-se, a propósito, que também adjetivos em *-vel* mais o prefixo *in-* podem ser parassintéticos: *inovidável*, *inesquecível*, *intocável*, falando a favor dessa posição o fato de esses adjetivos serem muito mais freqüentes no uso do que os sem o prefixo *in-*. Diríamos que o sistema permite formar *olvidável* e depois *inovidável*, como podemos ter nos exemplos mais acima *descadeirar* e depois o adjetivo *descadeirado*, mas o uso ou a norma mostram que a forma parassintética é privilegiada.

Na seção acima “Prefixação x sufixação” mostramos que o prefixo tem função apenas semântica enquanto o sufixo privilegia ora a função sintática, ora a função semântica, podendo exercer as duas simultaneamente, como pode ainda ter função discursiva. Nos parassintéticos o prefixo exerce também função semântica (*encaixar*: *en-* “para dentro”, *expatriar*: *ex-* “para fora”, *repatriar*: *re-* “de volta”, *desossar*: *des-* “afastamento”), cabendo ao sufixo função sintática – muda, nos exemplos dados, substantivo em verbo -, a que pode acrescer função semântica: *entardecer*, *amanhecer*, em que a *-ecer* cabe idéia incoativa, e *apedrejar*, *esbravejar*, com um sufixo *-ejar* freqüentativo.

Temos, finalmente, observado que a derivação parassintética é privilegiada, muitas vezes, para expressar a intervenção do homem na natureza (*desossar*, *descarnar*, *descascar*, *desflorestar*) e mesmo em fatos culturais (*expatriar*, *repatriar*), merecendo destaque o fato de não se terem formado os verbos sem o prefixo: *ossar*, *carnar*, teoricamente ou segundo o sistema possíveis para “criar ou desenvolver ossos/carne”, nem *patriar* “prover de uma pátria”.

Derivação imprópria ou conversão

Pela visão tradicional, na prefixação, na sufixação e na derivação parassintética teríamos um processo aditivo, isto é, acrescentam-se afixos com diferentes funções como se viu em seções anteriores. Pela mesma visão, na derivação regressiva teríamos um processo subtrativo: tira-se um sufixo e acrescenta-se uma vogal, à qual não se atribui nenhuma função morfológica ou lexical, visão a respeito da qual manifestamos nosso estranhamento na seção “Derivação regressiva”. Na chamada derivação imprópria, que preferimos chamar pelo nome mais neutro “conversão”, não há acréscimo nem subtração, fato que deve ter levado ao uso do qualificativo “imprópria”. Não havendo nem adição nem subtração, uma palavra muda de classe gramatical sem alteração de seu corpo fônico.

O importante nesse processo é que uma palavra, sem deixar

de guardar seu paradigma flexional original, por exemplo, de verbo (*poder*), assume a condição de uma unidade lexical com outro paradigma flexional, por exemplo, de substantivo (*o poder – os poderes*), e até lexical – alguém pode afirmar: *Que poderzinho mais ilusório!* Parece-me que esse aspecto paradigmático é essencial para se caracterizar a conversão, ao menos a definitiva ou acabada. O desempenhar uma palavra, na sentença, apenas uma função que não lhe é própria de origem, constituiria uma conversão que chamaríamos de parcial. Seria esse o caso, por exemplo, do uso de verbo como sujeito de sentença ou em outra função de substantivo: *Estudar é melhor que trabalhar*. Situação análoga é a de substantivo que modifica outro no sintagma nominal: *um menino homem* e *um homem menino*, em que *homem* e *menino*, respectivamente no primeiro e segundo sintagmas, são esvaziados de sua função denotativa e assumem função conotativa, isto é, “adulto”, amadurecido” e “ingênuo”.

Situação diversa das apresentadas acima é a da elipse presa a contexto lingüístico ou extralingüístico. Se confrontarmos num contexto duas mulheres, uma loira outra morena, podemos referir-nos a elas como *a mulher loira*, *a mulher morena* e adiante *a loira* ou *a morena*, simplesmente, sendo que o todo é recuperado por esse mesmo contexto. Em um segundo ou terceiro contextos *loira* e *morena* podem significar *moça loira/morena* ou *criança loira/morena*. Nesse âmbito é interessante constatar que certos adjetivos, quando usados isoladamente, têm uma leitura privilegiada: se dissermos simplesmente *os velhos*, *os jovens*, *os moços*, entendemos normalmente tratar-se de seres humanos, sendo que em outros contextos poderíamos ter tipicamente elipses de sintagmas eventuais: *poder-se-ia estar*, por exemplo, falando de animais.

Neste ponto é também necessário distinguir entre conversão e elipse de sintagma mais permanente. Sob um ponto de vista genuinamente sincrônico, há conversão quando uma unidade lexical não depende do contexto para a determinação de sua semântica: seria o caso de *a alta* (*do dólar*, *dos preços*, *do custo de vida*) ou (*seu prestígio está em*) *alta/baixa*, ou ainda de (*vive no*) *exterior*, (*ele é Ministro do*) *Interior*. Já quando a semântica depende de

fatores contextuais, temos, sincronicamente, uma elipse: *a (empregada) doméstica, o (exame de) madureza, o (avião de) caça*. Vistas as coisas sob outro ângulo, no caso da conversão, mesmo que através de estudos diacrônicos ou etimológicos se pudesse comprovar que houve elipse ou apagamento de elementos de sintagma, não é possível ou não é necessário para o entendimento recuperar palavras elididas dentro da visão sincrônica.

É, finalmente, importante não confundir conversão com uso metalingüístico ou metalinguagem. Quando falo em *silencioso (do carro)*, *alta (do dólar)* ou *baixa (do paralelo)* estou diante de conversões. Se disser que “silencioso”, “alta” e “baixa” são originalmente adjetivos, estou fazendo metalinguagem: os referentes desses signos são as próprias palavras e não um ente do nosso universo biofísicopsicossocial.

Oneônimos em -ex, -ol etc.

Diante de formações substantivas designativas principalmente de produtos comerciais ou firmas, terminadas mais frequentemente em *-ex* ou *-ol* (*Mentex, Eucalol*), temos realmente dúvidas sobre que tratamento dar-lhes. O nome *oneônimo* (de *onéo* “comprar” + *-ônimo* “nome”) tiramos de nossas anotações de aulas do Prof. Rosário Farani Mansur Guérios. Em Sandmann (1991) abordamos esse assunto ao final da seção “Produtividade Lexical e Tipos de Formação de Palavras”: “Fazendo um parêntese ao final do presente capítulo, queria chamar a atenção para o fenômeno da criação de nomes de firmas e principalmente de produtos comerciais, que se aproxima de certo modo do cruzamento vocabular.” Tendo em vista serem elementos que não têm vida autônoma na língua, como os sufixos, e se prestarem de certa maneira a formações em série, preferimos aproximá-los, hoje, da derivação, especificamente da sufixação.

Quanto ao *status* desses elementos, diríamos que são formativos lexicais, recorrentes em muitas formações, embora não tenham semântica específica, característica em geral exigida para os morfemas. Nesse sentido eles se aproximam, aliás, de

formativos recorrentes encontráveis em séries como *conceber*, *perceber*, *receber*, em que também não se pode atribuir uma semântica específica aos prefixos e base tomados separadamente.

Alguns exemplos: em *-ex*: *Marmitex*, *Rodex*, *Fritex*, *Error/ex*, *Memorex*, *Betonex*, *Concretex*; em *-ol*: *Eucalol*, *Fosfosol*; em *-on*: *Pelargon*, *Neston*; em *-flex*: *Caderflex*, *Paviflex*; em *-mix*: *Usimix*, *Concremix*; em *-ax*: *Tampax*. A *-flex* e *-mix* ainda se pode atribuir um significado pela sua relação com *flexão*, *flexível* e *mixar*, *mixagem*, respectivamente, o que não é possível com os outros formativos. Interessantes são, nessa linha, as formações *semancol*, registrada pelo Aurélio e sinônimo de formações não menos jocosas como *desconfiômetro* e *semancômetro*, e *besteirol*, ouvido em noticiário da TV Manchete. *Semancol* não é mais, naturalmente, nome comercial mas “aparelho que avisa quando se é inconveniente ou inoportuno” e *besteirol* tem semântica de coletivo, isto é, “reunião de besteiras”. Arrolamos aqui também os adjetivos *prafrentex*, do Aurélio, e *modernex* (*Folha*, 19/3/91, p. 5-2).

4. TIPOS ESPECIAIS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Como foi destacado no início do capítulo anterior, reservamos o nome “tipos especiais de formação de palavras” às formações lexicais não tratadas pelas gramáticas tradicionais e que, com exceção das abreviações formadoras de siglas, não são muito produtivas. Trataremos neste capítulo, além dos vários tipos de abreviações, das formações analógicas, dos cruzamentos vocabulares e das reduplicações.

ABREVIACÃO

Damos destaque aqui a pensamentos colhidos de Sandmann (1991, seção 2.5): “O tipo especial de formação de palavras chamado ‘abreviação’, rótulo que cobre fenômenos variados, também é um processo bastante produtivo hoje. Ele é parte da vida moderna, com sua complexidade burocrática, administrativa, técnica e econômica, colaborando para a brevidade e densidade da comunicação lingüística”. Como testemunho do que foi dito vai este texto de propaganda: “O Unibanco mostra o ABC do CDB e RDB.” (*Folha*, 26/2/91, p. 1-5), com o cruzamento vocabular *Unibanco* (*União de Bancos*) as siglas *CDB* (*Certificado de Depósito Bancário*), *RDB* (*Recibo de Depósito Bancário*) e *ABC*, que o *Aurélio* grafa *a-bê-cê* “rudimentos de uma ciência ou arte”. Dividimos a abreviação em diversos tipos:

Tipo “cerva”

Essas abreviações se caracterizam, uma vez, pelo aspecto de, às vezes, levar-se em conta uma suposta estrutura morfológica de palavra complexa. Em *cerveja*, por exemplo, sincronicamente não há mais de um morfema constituindo essa palavra, sendo a abreviação para *cerva* arbitrária. Outras vezes a palavra que se abrevia é complexa, mas a abreviação não leva em conta essa estrutura: *grã-fino* – *granfa*, *Florianópolis* – *Floripa*. Muito frequente é a abreviação de nomes de pessoas, reduzidos à primeira sílaba: *Jô*, por *Josane*, *Lu* por *Ludmila*, *Cris*, por *Cristina*. Outros exemplos: *portuga*, *batera*, *miserê*, *japa*, *galera*, *reça*, *salafrá*, *visu*, *su*, *confá*. O *Aurélio* registra *portuga* e diz que é uma designação depreciativa para *português*. Se examinarmos as demais formações veremos que elas fazem parte da variante menos formal ou descontraída da língua e contêm carga emocional variada.

Tipo “máxi”

Nestas abreviações leva-se em consideração a estrutura da palavra complexa. *Máxi*, por exemplo, prefixo em *maxissaia* e *maxidesvalorização*, está por essas palavras complexas, sendo que sua semântica é recuperada dentro do contexto: *Ela vai sair de máxi(ssaia)* ou *O Governo vai decretar nova máxi(desvalorização do cruzeiro)*. Outros exemplos: *míni(ssaia)*, *míni(empresa)*, *a micro(empresa)*, *o micro(computador)*, *o pré(-primário)*, *a pós(-graduação)*, *o over(night)*, *o teipe* (de *videoteipe*). Note-se que essas abreviações, além de herdarem a semântica do todo, herdam dele também o traço gramatical do gênero: *o áudio(visual)*, *o micro(computador)*, mas *a micro(empresa)*, sendo que passam também a ter normalmente flexão de número: *as micros*, *os micros*. Veja-se, no entanto, o seguinte excerto de jornal, interessante pelo aspecto flexional: “Descontentes, empresários (micro e pequenos) pedem o julgamento (...).” (*Folha*, 1/3/91, p. 1-1), uma abreviação contextualmente mais presa: (...) empresários

(microempresários e pequenos empresários) pedem (...). Em outro texto a flexão de número aparece de acordo com o que se pode dizer a regra: “Pesquisa indica que para múltis descongelamento será feito em abril.” (*Folha*, 9/3/91, p. 1-6).

Tipo “(o) segurança”

Nesse tipo de abreviação ocorre a redução de sintagmas nominais de caráter mais permanente a um de seus constituintes, sendo de destacar que em geral é mantido o determinante, o adjunto (no caso de *guarda de segurança*, *segurança* é o adjunto), o que não deixa de ter sentido, pois mantém-se o elemento específico, o que qualifica ou determina, o que faz a diferença, sendo importante considerar que o todo é recuperado pelo contexto. Esse tipo de abreviação recebe também o nome de elipse. Outros exemplos: *a (assembléia) constituinte*, *o (anúncio) comercial*, *o (anúncio) classificado*, *o (filme de) curta/longa (metragem)* (*Folha*, 2/4/90, p. E-2: “(...) apresentando fora de temporada o quarto longa do cineasta (...).”), *a (empregada) doméstica*. Do inglês registramos *mass (communication) media (mass media)*, depois *(mass) media*, origem do nosso empréstimo *mídia*. Observe-se que, embora as abreviações aqui tratadas como elipses também recuperem seu sentido do contexto, elas se distinguem pelo seu caráter mais fixo ou permanente de elipses como *a (mulher) loira/morena*, *o (menino) esperto/ignorante*, que têm um caráter mais eventual e estão mais presas a fatores contextuais, situacionais ou pragmáticos. Diferenças entre a conversão e a elipse aqui abordada foram vistas mais ao final do item “Derivação imprópria ou conversão”, para o qual remetemos o leitor.

Tipo “Delin”

Nesse tipo de abreviação considera-se a estrutura silábica da palavra, tomando-se as sílabas em geral iniciais dos elementos principais de um sintagma. Em *Delin* temos uma abreviação de

Departamento de Lingüística. Outros exemplos: *cricri* (de *criada* + *criança*), usado no contexto *conversa cricri*, por exemplo, *Fla* (de *Flamengo*), *Flu* (de *Fluminense*): as duas últimas abreviações ocorrem de preferência na combinação *Fla X Flu*; *Grenal* (de *Grêmio* e *Internacional*), *aspone* (*assessor de porra nenhuma*), *asmene* (*assessor de merda nenhuma*). Observe-se que nas duas últimas abreviações há uma intenção de abrandamento ou eufemização, fato que também é comum no tipo de abreviação a ser abordado a seguir.

Tipo “OTN”

Tendo em vista que os fonemas iniciais das diversas palavras de um sintagma não formam uma seqüência de acordo com a estrutura silábica da língua, em outros termos, não são pronunciáveis considerando as características fonotáticas do português, a pronúncia dessas abreviações obedece à soletração dos fonemas iniciais. *DCE*, p. ex., (*Diretório Central dos Estudantes*) é dito *dê-cê-ê*, enquanto *UPE* (*União Paranaense dos Estudantes*), exemplo do tipo seguinte, é dito *upe*, paroxítona. Outros exemplos: *PT*, *PDS*, *PFL*, *CPPD*, *CLT*, *BR*, *cê-dê-efe*, registrado pelo *Aurélio* e por ele grafado dessa maneira. Observe-se que essas siglas são usadas no plural também, com a marca de plural *-s* só no final, sendo que se está consagrando a grafia *OTNs*, *TVs* e *MPs*, por exemplo, na mídia escrita, mostrando que a marca do plural, em letra minúscula, não é abreviação de palavra, a meu ver apropriadamente.

Médico me testemunhou o uso freqüente, na medicina do dia-a-dia, desse tipo de abreviação: *DPOC* (*doença pulmonar obstrutiva crônica*), *IAM* (*infarto agudo do miocárdio*), *UTI* (*unidade de terapia intensiva*), que, aliás, não precisava ter pronúncia soletrada. O objetivo, segundo o mesmo informante, é brevidade ou economia sem esquecer que pode haver intenção de abrandamento ou eufemismo, como em *m.h.* por *mal de Hansen*, *c.a. de mama* por *câncer de mama*.

Tipo “CAL”

Como se vê do exemplo acima *CAL* (*Centro Acadêmico de Letras*), essas siglas, tendo em vista que a fonotática o permite, são pronunciadas como palavras normais e não soletradas. Outros exemplos: *UPE* (*União Paranaense dos Estudantes*), *CIP*, *MEC*, *IAPAS*, *PREP*. No caso de *CIP*, *MEC* e *PREP* a tendência é, naturalmente, acrescentar um *-e* paragógico: *Cipe*, *Meque*, *Prepe*. Aproveitando-se do noticiário da Guerra do Golfo, articulista servia-se do nome dos mísseis iraquianos para dar-lhe interpretação de sigla originária do contexto político-econômico do momento: Sistema Contínuo de Usurpação de Dinheiro – Scud (*Folha*, 26/2/91, p. 1-2).

Tipos mistos

Há muitas abreviações que não são representantes genuínos dos tipos anteriormente aqui apresentados, senão exemplos de mais de um tipo simultaneamente: *DELEM*, p. ex., sigla de *Departamento de Letras Estrangeiras Modernas*, ostenta em *DE* a 1ª sílaba de *departamento* e nos demais fonemas (*LEM*) é do tipo *CAL*. *CAARTE* (*Centro Acadêmico de Artes*) é em *CA* representante do tipo *CAL* e depois incorpora a palavra *arte*. Outros exemplos do tipo misto: *EMBRAFILME*, *CAFIL* (*Centro Acadêmico de Filosofia*), *BAMERINDUS*, *BANESTADO*, *FUNDEPAR*, sendo que a grafia se apresenta também apenas com a 1ª letra maiúscula: *Bamerindus*, *Banestado*, *Fundepar*.

Pergunta que se pode fazer a propósito dessas abreviações em suas várias formas é se se trata realmente de processo de formação de palavras. Teremos um argumento contra se considerarmos que o referente da forma plena e da forma abreviada é o mesmo: é o caso, por exemplo, de *MP* e *medida provisória*, *Fundepar* e *Fundação Educacional do Estado do Paraná*. Mas há aspectos que é preciso pesar e que possivelmente justifiquem o trato dessas abreviações como processos de formação de palavras.

A propósito de formações do tipo “cerva” acima foi obser-

vado que as formas abreviadas têm conotações que a forma plena não tem. Em abreviações como *cê-dê*, *cê-de-efe*, *eme*, *praca* ou *paca* há o aspecto eufemístico a considerar. Fato importante a considerar é a existência de numerosas derivações com bases abreviadas (*celetista*, *dedetizar*, *petista*, *peemedebices* [Folha, 8/4/89, p. A-2], *abecedense*, do Aurélio, *prezinho* [“Meu Prezinho” é título de livro de Maria Lúcia Pinheiro]), sem esquecer a flexão de plural que trata a abreviação como um todo: *OTNs*, *BTNs*, *LPs* (ou *elepês*), *CDBs*. Siglas também podem fazer parte de compostos: *ufologia* e *ovniologia*, do Aurélio. Fato que também fala a favor da consideração das abreviações chamadas siglas ou acrônimos como unidades lexicais independentes são palavras ou certas seqüências como *radar* (*radio detecting and ranging*), *NASA* (*National Aeronautics and Space Administration*), *OTAN* (*Organização do Tratado do Atlântico Norte*, em inglês *Nato – North Atlantic Treaty Organization*), *vip* (*very important person*), *S.O.S.* (*Save our souls!* = Salvai nossas almas!), *Aids* (*Acquired immunological deficiency syndrom*, em português *Sida – Síndrome de imunodeficiência adquirida*, que não pegou), muitas vezes empréstimos estrangeiros, traduzidos ou não, que as pessoas empregam ou entendem, em geral sem saberem o sintagma que lhes deu origem. Uma pessoa razoavelmente escolarizada me dizia que as pessoas com quem vivia não sabiam o que era OTN, mas que ele sabia: *Organização* (sic!) do Tesouro Nacional.

Formação analógica

Quando na gramática histórica se comparam mudanças como *mi* > *mim*, *mae*, > *mãe*, *muito* > *mũito* com *si* > *sim*, diz-se que aqueles exemplos configuram uma evolução fonética chamada “prolongamento da nasalidade”, isto é, já há um som nasal na palavra e esse se propaga ao(s) fonema(s) vizinho(s) seguinte(s), enquanto em *si* > *sim* a nasalidade de *sim* é copiada de fora, admitindo-se que seja influência de *não*, semanticamente associado a *sim*, fenômeno que recebe o nome de analogia. O prolongamento da nasalidade se diz um fenômeno geral, regular, uma re-

gra de mudança fonética do português, enquanto a analogia é um fenômeno isolado, explicável mas não sistemático como aquele.

Fato análogo se pode registrar na formação de palavras. Há formações lexicais que são produto de modelos ou regras de formações de palavras, formalizáveis e até representáveis em fórmulas abstratas. Servimo-nos de formulação de Basilio (1987, 55):

Uma RFP (Regra de Formação de Palavras) sufixal é descrita basicamente a partir do esquema abreviado abaixo:

$$[X]_A \longrightarrow [[X]_A \quad Y]_B$$

onde X representa a base e A e B são categorias lexicais ou classes de palavras. Por exemplo, teríamos, entre outras, as seguintes regras de nominalização de verbos:

a. $[X] V \longrightarrow [[X] V \text{ ção}] S$

b. $[X] V \longrightarrow [[X] V \text{ mento}] S$

onde V representa “verbo” e S representa “substantivo”.

Que a formação de substantivos deverbais em *-ção* e *-mento* são modelos ou regras de formação de palavras formalizáveis e inclusive muito produtivos do português é um fato indiscutível. Em Sandmann (1989, 51ss.), com base em 42 jornais de 1984, foram levantados 27 substantivos novos em *-ção* e 25 em *-mento*.

Com essas formações produzidas por regras, mais ou menos fecundas, comparem-se formações, em geral únicas ou isoladas, como *implodir* e *implosão*. O latim conhecia *plodere* e *explodere*. *Plodere* não deixou descendente no português, enquanto de *explodere* nos veio *explodir*, como de *explosione*, *explosão*. Pois quando a técnica inventou um meio de “plodir” prédios ou edificações “para dentro”, criaram-se *implodir* e *implosão*, pelo modelo de *explodir* e *explosão*, respectivamente, um fenômeno isolado, não repetido em outras formações como vimos com os sufixos *-ção* e *-mento*, uma formação que vamos chamar de analógica.

O sufixo de diminutivo *-úsculo*, registrável em *opúsculo*, *corpúsculo* e *minúsculo* não é produtivo, hoje, no português. Pois bem, quando se criou recentemente *grupúsculo*, foi-o pelo modelo de formações como as acima e não de acordo com um mo-

delo produtivo. *Grupúsculo* vamos chamar de formação analógica. Outros exemplos seriam *danceteria* pelo modelo de *cafeteria*, *ruminação* pelo modelo de *importância* e de outras palavras em *-ância*, (aposentadoria) *expulsória* pelo modelo de (*aposentadoria*) *compulsória*, *disjuntura* por *conjuntura*, *videasta* por *cinasta*, *metroviário* por *ferroviário*, *rodoviário*, etc. Como se pode generalizar, as formações analógicas surgem produzidas em cima, por assim dizer, de clichê, uma palavra ou palavras da língua, e não de acordo com um modelo ou regra produtiva.

Cruzamento vocabular

O tipo de formação de palavras chamado “cruzamento vocabular” é, no fundo, um tipo de composição, diferenciando-se desta, porque no cruzamento vocabular as bases que entram na formação de nova unidade lexical, ou ao menos uma, sofrem diminuição, não sistemática ou regular, de seu corpo fônico. *Larango*, nome de suco que contém *lar(anja)* e (*mor*)*ango*, é exemplo de cruzamento vocabular em que as duas bases sofreram corte, sendo que em *democradura* temos também redução dos dois elementos. Em *pescópia*, expressão depreciativa para “pesquisas” escolares, temos a redução de *pesquisa* para *pes* e a palavra inteira *cópia*.

Onde se faz o corte é naturalmente opção de quem cria a palavra, ressalvando-se que deve ser respeitada a estrutura silábica da língua. Como essas formações não obedecem a modelos estabelecidos na língua, caso da derivação e da composição, Marchand (356) dá ao cruzamento vocabular o nome de “*word-manufacturing*”, manufatura de palavras. A denominação me parece muito apropriada, porque não temos uma produção em série ou de linha de montagem, caso principalmente de processos de sufixação (*breguice*, *fajutice*, *pentelhice*) e de prefixação (*superpasta*, *super-roubo*, *superestádio*, *superdimensionamento*), mas a produção de forma por forma, como que artesanalmente.

É importante distinguir as reduções assistemáticas que acontecem nos cruzamentos vocabulares de abreviações ou for-

mas reduzidas regulares e que entram no processo de composição: *afro-brasileiro*, *euro-africano*, em que as formas estabelecidas *afro* e *euro* estão por *africano* e *européu*, adjetivos que podem ocorrer livremente na frase.

Traço que caracteriza muitos cruzamentos vocabulares é sua especificidade semântica, isto é, eles vêm muitas vezes carregados de emocionalidade, sendo que esta é depreciativa, às mais das vezes, e com pitadas de ironia: *politicanalha* e *esquerdofrênico* (Folha, 8/5/87, p. 42), *esquerdalha* (Folha, 7/8/89, p. A-1: de *esquerda* + *canalha*), *uisquerda* (Folha, 2/2/89, p. B-2: “Uma certa uisquerda ainda não descobriu Friedrich Engels (...).”), *collorupto*, de cartaz de estudantes convidando para debate da Frente Brasil Popular.

Aspecto que merece ser ressaltado é a criatividade e densidade semântica que é própria de muitos cruzamentos vocabulares. Dos arrolados acima destacamos *uisquerda* e acrescentamos mais *Poemia*, nome de jornal literário, que pode ser o cruzamento de *poema* + *boemia*, *poema* + *poesia*, *tiranossauro* (Folha, 26/3/90, p. E-2), epíteto atribuído ao ditador paraguaio Stroessner, *OLHUZ*, título de poema de Arnaldo Antunes: *olho* + *luz* (Folha, 21/2/91, p.1-12), e *Perhappiness*, poema de Paulo Leminsky: *perhaps* + *happiness*.

Destacamos também o empréstimo *workaholic* (Folha, 23/2/91, p. 5-12), estado de quem é obstinado pelo trabalho. No alemão, quando uma resposta é “sim” e “não” ao mesmo tempo, se diz *jein*, cruzamento de *ja* “sim” com *nein* “não”. O Aurélio traz o cruzamento *bestarel*, bacharel metido a besta. Querendo exagerar ao extremo um disfemismo, estudante de medicina disse que a colega era portadora de *tuberculepra* (*cancerígena*). O excesso de burocracia ineficiente leva-nos a falar em *burrocracia*. Referindo-se a bailarina de formas não bem apropriadas alguém usou *boilarina*. Quando falamos meio sério meio rindo podemos estar *bringando*. Em janela de casa, em Curitiba, durante a campanha eleitoral para governador, em 1990, vi *Mentirez*, de *mentira* + *Martinez*, sobrenome de um dos candidatos.

Pode-se, naturalmente, perguntar qual o *status* ou o destino dessas criações no código lingüístico de uma comunidade. A res-

posta é que a vida é, em geral, muito efêmera, limitando-se, via de regra, como uma criação artística, carregada de jocosidade, ironia ou despreço, ao momento ou contexto para o qual ou no qual foram criadas. O que não lhes tira o mérito ou a graça, sinal que são da criatividade e inventividade do código e de seus usuários. O alemão reserva para formações desse tipo o nome composto de “Eintagsfliegen”, moscas de um dia de vida.

Cruzamentos vocabulares são, finalmente, encontráveis em nomes próprios comerciais (Consertóculos, nome de oficina, *Hospitaú*, de *Seguro Hospitalar Itaú*, *Auding* (*Idiomas*), nome de curso de inglês) e em nomes próprios de pessoas, em que se cruzam o nome do pai e da mãe: *Florduardo*, de *Flor* + *Eduardo*, *Luzilma*, de *Luiz* + *Wilma*, *Marinice*, de *Mário* + *Eunice*, *Albiana*, de *Albino* + *Diana*.

Reduplicação

Há várias distinções a fazer dentro do tema “reduplicação”. A primeira é que há repetições de palavras, individualmente significativas, formando reduplicações (*quebra-quebra*, *oba-oba*) e há repetição de sílabas ou palavras, não-significativas individualmente, formando reduplicações (*tititi*, *blabláblá*, *reco-reco*). Nas reduplicações de palavras significativas a intensidade semântica ganha destaque (*corre-corre*, *troca-troca*), enquanto nas outras reduplicações predomina o efeito onomatopaico (*teco-teco*, *au-au*, *reco-reco*, *tico-tico*, *bangue-bangue*, *quero-quero*, *mumu* e *ronrom*, de que se derivou *ronronar*).

Entre os compostos reduplicativos formados de palavras não-significativas individualmente há que distinguir os que exibem “ablaut” no segundo elemento (*pingue-pongue*, *tique-taque*, *zigue-zague*, *pife-pafe*) e os que não apresentam “ablaut” (*reco-reco*, *ruge-ruge*, *lero-lero*, *quero-quero*, *lenga-lenga*). Fato que se observa nas reduplicações com “ablaut” é que o segundo elemento tem invariavelmente vogal baixa ou média, enquanto o

primeiro elemento ostenta vogal alta, para o que apresentaríamos a explicação de que a vogal mais baixa contém uma sensação de repouso ou descanso, ou talvez de distensionamento.

Comparados com os compostos comuns mais típicos formados de S+S ou A+A, que são coordenativos ou subordinativos (v. acima seção “Composição”), os compostos reduplicativos não apresentam interesse quanto à questão das relações sintático-semânticas entre os elementos que os formam. Em *trem-bala*, por exemplo, a semântica nos diz que se trata de um *trem* veloz como uma *bala*, sendo *trem* o núcleo e *bala* o adjunto, um composto, portanto, subordinativo, enquanto em *bar-restaurante* ou *ator-compositor* temos um referente de nosso universo cultural que é *bar* e *restaurante* ou *ator* e *compositor* em igualdade de condições, compostos, portanto, coordenativos. Se tomarmos agora um composto reduplicativo (*lero-lero*, *puxa-puxa*, *lambe-lambe*), a questão de qual dos elementos é núcleo, qual adjunto ou se tem um referente que é duas ou mais coisas diferentes (*ator* e *compositor* ou *ator*, *cantor* e *compositor*) ao mesmo tempo, não apresenta interesse, pois os elementos reduplicativos, como a própria palavra diz, são sempre formados por elementos iguais ou de função e valor idênticos.

5. PRODUTIVIDADE LEXICAL

PRODUTIVIDADE LEXICAL X PRODUTIVIDADE SINTÁTICA

Muito se tem escrito sobre o tema da produtividade das regras de formação de palavras, comparando-a com a produtividade das regras sintáticas, a saber, da flexão. Ao leitor interessado remetemos principalmente a Aronoff (35-45), Bauer (62-100) e Matthews (50ss.)

Um fato que talvez não tenha despertado nossa atenção é que quando se fala em neologia ou neologismo, ou simplesmente em palavra nova, apenas se faz referência à entrada em produção de regras de formação de palavras ou à produtividade lexical, e nunca às regras de aposição de flexões a palavras variáveis, em outros termos, à produtividade sintática. É que a produtividade sintática é uma produtividade plena e, por assim dizer, automática, enquanto a produtividade lexical tem *status* apenas de semi-produtividade, limitada que está a muitas restrições, a bloqueios e a fatores de ordem cultural até.

Tomando, por exemplo, um adjetivo novo como *energívoro* (Folha, 1/1/91, p. B-2), um verbo novo como *tecnicizar* (Folha, 19/1/91, p. A-2) ou um substantivo novo como *treineiro* (Folha, 21/1/91, p. Fovest 1), será uma questão apenas da frase, das regras de concordância, um mecanismo automático, flexionar o adjetivo genérica ou numericamente (*energívora, energívoros, energívoras*), apor ao verbo flexões de pessoa e número (*tecnic*

zo, *tecniciza, tecnicizamos, etc.*) ou de tempo, modo e aspecto (*eu tecnicizo, tecnicizava, tecnicizei, tecnicizasse, etc.*) e flexionar o substantivo em número (*treineiros*) – o gênero do substantivo, como foi mostrado em Sandmann (1991¹, 36ss.), não é flexão, mas afixo, porque não é dependente de fatores sintáticos, por isso *treineira*, candidata que faz vestibular apenas para treinar, será formado se nosso referente for do sexo feminino e não por razões de concordância com outro substantivo na frase.

Considerando a língua em sua natureza de estoque do que aconteceu no passado, é bem verdade que se registram alguns fatos estranhos na área do verbo, no que diz respeito à sua conjugabilidade. Há numerosos verbos ditos defectivos. O *Aurélio* diz, por exemplo, que *adequar* só é conjugado nas formas arrizotônicas e que *falir* só é usado quando é conservado o *-i-*. Mas como isso são imposições da norma e não do sistema, nem sempre se obedece a essas normas. Dois exemplos: “Se enriquece e se fale com grande naturalidade aqui.” (*Folha*, 3/3/90, p. E-12) e: “Não se adéquam a este comentário avaliações a respeito de seu estado de saúde (...).” (*Folha*, 3/4/89, p. A-2). Fato que de certa forma fala contra a existência de verbos defectivos é o supletivismo, que faz com que verbos como *ser* e *ir* lancem mão de outros radicais para que o paradigma seja completo: *ser: sou, és, era, fui, seja, fosse; ir: vou, ides, ia, fui, fosse, etc.*

Dissemos acima que as regras de formação de palavras são de produtividade menor que as regras sintáticas porque sofrem muitas restrições. Para exemplificar: um substantivo em *-ice* é formado hoje apenas a partir de adjetivo e de adjetivo de carga emocional negativa: *panaquice* (de *panaca*), sendo que essa negatividade pode depender do contexto, como em *suburbanice* (*Folha*, 6/12/90, p. E-16: “(...) e termina falando de ‘tecnologia de ponta’ e outras suburbanices.”) ou em *mornice* (*Folha*, 3/8/90, p.A-2: “A *mornice das campanhas não permitiu (...).*”). Outro modelo de formação de palavras de produtividade restrita por sua própria natureza é a formação de substantivos em *-ês*, também depreciativos, com o significado de jargão, fala cansativa ou entediante: *futebolês* (*Correio de Notícias*, 10/6/90, p.C-2), *droguês* (*Folha*, 19/8/90, p.C-8) e *lazarônês* (*Folha*, 26/6/90,

p. A-2: “Modernidade virou sinônimo de lazaronês.”), ressaltando que a negatividade pode depender de fatores pragmáticos ou contextuais.

Apenas para deixar mais claro o que estava querendo mostrar, considere-se a produtividade maior da regra de prefixação de verbo e substantivo dinâmicos com *re-*. Basta abrir dicionário para ver a quantidade de palavras prefixadas com *re-*, e a formação de palavras novas é uma constante também: *reanexação* (*Folha*, 12/1/91, p. A-3), *renivelar* (*Folha*, 17/1/91, p. B-2), *remuniciamento* (*Folha*, 12/2/91, p. A-10) e *reestréia* (*Folha*, 24/2/91, p.6-4). Poder-se-ia perguntar por que esse modelo é tão produtivo e a resposta nos é dada em Aronoff (39): “Pelo que tenho observado, há um elo direto entre coerência semântica e produtividade.” No caso do sufixo *re-*, além da clareza de sua semântica nas formações novas, a saber, “de novo”, aspecto realçado por Aronoff, há o fato de os verbos dinâmicos serem muito numerosos e, conseqüentemente, os substantivos deles derivados, chamados substantivos deverbais ou nomes de ação (*realinhamento*) e os deverbais chamados nomes de agente (*revendedor*). Observe-se que a mudança de classe gramatical da palavra, por exemplo de verbo para substantivo (*libanizar* – *libanização*) e de verbo para adjetivo (*intimidar* – *intimidatório*, *congelar* – *congelante*), função sintática da formação de palavras, é um fato muito comum, favorecendo a produtividade dos modelos, porque facilita a expressão, dando-lhe outras alternativas ou variedade: *quem revende* ou *aquele que revende* = *revendedor* (*a firma que revende* = *a firma revendedora*); *Saddam iraquizou o Kwait* = *iraquização do Kwait por Saddam*; *remédio que entorpece* = *remédio entorpecente*. Nesse contexto de maior ou menor coerência semântica, de transparência ou menor complexidade dos modelos de formação de palavras, comparem-se as formações de verbos em *-ar* e *-izar*, praticamente os únicos sufixos verbais hoje produtivos. Os novos verbos em *-izar* têm invariavelmente a semântica “tornar” (*absolutizar* “tornar absoluto”) ou “transformar em” (*libanizar* “transformar em Líbano”, isto é, dividir política e ideologicamente). No caso dos verbos em *-ar* há maior dependência semântica da base: no caso de *porrar* (*Folha*, 15/11/90,

p. E-2) será “dar porrada”, de *botinar* (Folha, 23/11/90, p. A-16) “pisar, chutar”, de *perestroikar* (Folha, 27/11/90, p. A-3) “fazer a abertura política”, no caso de *mandatar* (Folha, 23/10/90, p. A-2) “prover com mandato” e *fajutar* (Folha, 26/10/90, p. A-2) “tornar fajuto”. Em razão dessa menor complexidade semântica do modelo em *-izar* é que, em textos eruditos ou formais, temos encontrado maior número de verbos novos com esse sufixo do que com *-ar*: *vampirizar* (Folha, 16/11/90, p. E-3), *ideologizar* (Folha, 9/10/90, p. A-4), *relativizar* (Folha, 22/8/90, p. B-2).

Observem-se as restrições seguintes, que afetam a produtividade de certos modelos de formação de palavras. Não encontramos, por exemplo, nenhum verbo ao qual tenha sido anteposto o prefixo *anti-*, apenas adjetivos (*antianêmico*) e substantivos (*anti-herói*, *antijuridicidade*), sendo que *antipatizar* e *simpatizar* não vêm de *patizar* + prefixo, porém de *antipatia* e *simpatia* ou de *antipático* e *simpático* por truncamento. Da mesma forma não se prende a verbo o prefixo negativo *in-* (**inconcluir*, **indecopor*), e esse mesmo *in-* não se junta a bases adjetivas de sentido negativo (**imperigoso*, **inviolento*). Já *des-* privilegia bases dinâmicas (*desdolarizar*, *desburocratizante*, *desburocratização*), sendo formações com bases estáticas uma raridade (*desinformação*) e, quando produzidas, têm, em geral, especial força estilística: *desprefeito* “mau prefeito” (capa da revista *Afinal* nº 145, de 9/6/87), *desburocracia* “a burocracia excessiva e ineficiente” (jornal *Gazeta do Povo*, de 15/6/87, p. 27).

Uma comparação deixará clara outra idiossincrasia da produtividade lexical. Para usarmos o prefixo *ex-* “aquele que era” (*ex-aluno*, *ex-marido*) basta termos um substantivo que indique uma relação social ou profissional como as acima e que essa relação se tenha findado. Sem nenhum sabor de novidade receberemos essas formações: *ex-assaltante*, *ex-time*, *ex-gravurista*, etc. Se soubermos que uma localidade se chama *Três Arroios*, por outro lado, podemos denominar automaticamente *três-arroioense* o habitante dessa localidade, o mesmo acontecendo com outras localidades: *douradense*, *três-barrense*, *quatro-barrense*, *sete-barrense*, *alto-alegrense*, *engenho-velhense*. Com a *ministra* compare-se o fato de ainda se dizer a piloto: “Foi, também, a

*primeira piloto comercial do Paraná (...).”, de propaganda de candidata a deputada federal, que, aliás, se dizia *deputada*, porém *a piloto*. Da mesma forma falavam *das soldadas americanas* e *das pilotos (de helicópteros)* os repórteres que cobriam a guerra do Golfo Pérsico. Fui testemunha da mudança nos jornais de *o Primeiro-Ministro Golda Meir* para *a Primeiro-Ministra Golda Meir* e, por fim, *a Primeira-Ministra Golda Meir*, forma consagrada hoje. Hoje, sem nenhum titubeio ou vacilação, se diria *a Primeira-Ministra Margaret Thatcher*. O que se conclui é que uma regra de formação de palavras não produz, às vezes, por barreiras de caráter social.*

Outro fator que pode frustrar a produtividade de uma regra de formação de palavras é o bloqueio, isto é, uma regra deixa de produzir porque um lugar já está ocupado. É, por exemplo, normal formarem-se nomes de agente a partir de verbos dinâmicos (*vender – vendedor, consertar – consertador, arrumar – arrumador*), ou nomes de instrumento (*refrigerar – refrigerador, calibrar – calibrador*). Veja-se, no entanto, que de *ensinar* não se forma *ensinador*, de *estudar*, *estudador*, porque já existem *professor, mestre* e *estudante*. Não se forma *desfeito* porque já há *bonito* ou *belo*, isto é, o lugar já está ocupado.

As lacunas são, enfim, uma generalidade da produtividade lexical e delas diz Matthews (50): “Há, pois, uma falta de regularidade (para falar bem cruamente) em quaisquer possíveis séries de paradigmas: *salute* mas não *salution*, *elocution* mas não *elocute*, *function* mas não *funct*, e assim por diante. Essas lacunas não são predizíveis por regras gerais”.

Resumindo o que diz da produtividade lexical, Bauer (97) diz com propriedade: “*Transparece do muito que foi dito acima que produtividade não é tanto um fenômeno ou/ou (...). Alguns processos são mais produtivos que outros.*” Bauer (*ib.*) usa para esse fato a designação *cline* “contínuo”, isto é, vai-se de processos pouco produtivos a processos bastante produtivos, como o do *sufixo -less* “sem” do inglês, de que Matthews (52) diz: “*A formação em -less* fica no limite entre a produtividade automática da formação do plural (...) e o que chamaremos de semiprodutividade da maioria das formações lexicais.”

LEXICALIZAÇÃO OU IDIOMATIZAÇÃO

Fato com que nos devemos acostumar no estudo do léxico de uma língua é o que se chama lexicalização, idiomatização ou desmotivação, isto é, um processo de opacificação que as palavras vão sofrendo ao longo de sua permanência e uso na língua. No presente trabalho, tendo em vista seu objetivo central, que é o estudo da palavra complexa, vamos-nos ocupar com a idiomatização de palavras derivadas e compostas, lembrando que outras seqüências de palavras também podem sofrer idiomatização: *largar mão de, dar pé, dar no pé*, etc.

Por lexicalização ou idiomatização, no caso da palavra complexa, se entende o fato de a semântica não ser simplesmente a soma das partes. Comparemos: em *reestréia* (*Folha*, 24/2/91, p. 6-4) temos uma formação transparente: *re-* significa “de novo, novo”, sendo *reestréia* uma “nova estréia”; o mesmo não se pode dizer de *reclamar* e dos substantivos derivados *reclamo* e *reclamação*, apesar de termos na língua *re-* e *clamar*. Em *desinformação*, *des-* tem um de seus significados, a saber, “falta de, não”, sendo *desinformação* “falta de informação”; portanto, estamos diante de palavra complexa transparente. O mesmo não temos em *desgosto* ou *desgostoso* e *desgostar*, que não são simplesmente a negação de *gosto*, *gostoso* e *gostar*, mas palavras complexas opacas. *Inaproveitável* é, segundo o *Aurélio*, simplesmente “não-aproveitável”, já *irretocável* é “que não necessita de retoque, perfeito, acabado”. Como se vê, *inaproveitável* é transparente, enquanto *irretocável*, com sua permanência no léxico e uso, se idiomatizou, em outros termos, sofreu acréscimos semânticos ou alteração do significado.

Numerosas palavras lexicalizadas existem na área dos sufixos de grau. *Macacão*, a roupa, não é hoje *macaco* + *-ão*, isto é, “macaco grande”, e por isso mesmo tolera sufixo igual (*macacãozão*) e sufixo de semântica contrária (*macacãozinho*). O mesmo se dirá de *portão*, *cartão*, *calção* e *facão*. Formações como *escolinha* (*de vôlei, basquete*), *cursinho* (*preparatório para vestibular ou concursos*) não têm semântica de diminutivos, significando antes cursos paralelos ao sistema escolar-padrão ou oficial.

Calçada não é principalmente “calçada grande” senão “rua reservada aos pedestres”. *Cor-de-rosa* é um composto e não um simples grupo sintático, porque não é a cor de qualquer rosa, porém “da cor vermelho-clara de certas rosas”, como diz o *Aurélio*. É, portanto, uma palavra complexa idiomatizada, contrariamente a *cor de melancia* ou *cor de mel*, por exemplo, simples sintagmas porque de semântica transparente.

A seguinte citação nos dá bem uma idéia do que seja lexicalização: “(...) o que Lord Melbourne, primeiro primeiro-ministro da rainha Vitória (...)” (*Folha*, 20/10/90, p. E-3). *Primeiro-ministro* é um composto, tem uma semântica idiomatizada, porque não significa simplesmente “primeiro” na ordem temporal ou espacial senão na ordem hierárquica, de certo modo uma especificidade da ordem espacial.

Questão ligada ao aspecto da transparência ou opacidade das palavras complexas, derivadas ou compostas, incorporadas ao léxico há mais ou menos tempo e inclusive das produções novas, é a da lexicografia, isto é, o que é necessário ou conveniente que um lexicógrafo registre, principalmente quando há o objetivo de oferecer uma obra de consulta mais completa, *verbi gratia* a última edição do *Aurélio*.

Observe-se, por exemplo, que, no presente trabalho e em anteriores, considero e considerarei novo o que não está no *Aurélio*, consciente embora das limitações desse critério. O *Aurélio*, para exemplificar, não traz *desierarquização*, registrado na *Folha*, de 2/1/91, p. E-10. Mas quem pode garantir que essa palavra não tenha ocorrido em outros textos escritos ou orais anteriores, devendo-se acrescentar que, trazendo *hierarquizar*, o *Aurélio*, tendo em vista que o uso de *-ção* e *des-* são processos muito produtivos e de produtos transparentes, não precisa registrar *hierarquização*, que ele traz, e *desierarquização*. Da mesma forma me parece desnecessário registrar compostos de S+S, muito frequentes hoje e transparentes: *professor-autor* (de tese não impressa), *estado-partido* (*Folha*, 8/1/91, p. A-3: a referência é à URSS), *artista-revelação* (*Folha*, 12/1/91, p. E-1), *estado-patrão* (*Folha*, 11/1/91, p. A-2), *diplomata-intelectual* (*Folha*, 9/3/91, p. 1-7: “(...) de José Guilherme Merquior, o diplomata-intelec-

tual (...).''), etc. Já *efeito-carroça*, também composto de S+S (*Folhã*, 27/12/90, p. B-2), embora seja uma formação presa a um texto específico, poderia ser dicionarizado por aspectos históricos – Collor chamou os carros brasileiros de carroças – por sua vez responsáveis pela pouca transparência – transcrevemos o contexto: “Essa proteção esdrúxula submete também os remédios ‘made in Brazil’ ao efeito-carroça.”

Nas últimas campanhas eleitorais foram cunhados, pelo modelo *passeata*, *carreata*, *bicicleata*, *tratorata*, *barcata*, para indicar demonstrações com o veículo contido na base da palavra. Tendo em vista que a formação de palavras com *-(e)ata* não tem sido um modelo produtivo regularmente, é necessário registrar essas formas, o que será dispensável se o modelo se tornar muito produtivo, o que é, aliás, questionável por razões de ordem pragmática, pois não são muitos os veículos utilizáveis nesse tipo de demonstração.

Fato semelhante ao acima é a formação de palavras com o sufixo *-aço* no sentido de “manifestação ruidosa”: *buzinaço*, *panelaço*, *apitaço*, modelo que apresenta inovação, pois não significa “golpe” como em *joelhoço* e *pataço*, nem é simplesmente aumentativo com em *ricaço*, *barçaça*.

Como últimos exemplos e ao mesmo tempo como uma crítica apresentamos o fato de o *Aurélio* trazer o verbete *ex-* “aquele que era” (*ex-aluno*, *ex-marido*), com alguns exemplos e nenhum outro verbete mais, o que é correto, pois essas prefixações são inteiramente transparentes. No caso do prefixo *recém-* é apresentado pelo *Aurélio* verbete com esse prefixo e exemplos, o que é correto, e mais 18 verbetes de prefixações com *recém-*, todos transparentes, portanto desnecessários. No caso de *re-*, então, o *Aurélio* comete muito mais excessos, pois registra muitas palavras inteiramente transparentes (*reimplantar*, *reinflamar*, etc.), totalmente dispensáveis, portanto. Aliás outros fatos poderiam ser apontados, mas bastem esses para exemplificar.

A DIRECIONALIDADE DA PRODUÇÃO LEXICAL

Quando se está diante de uma palavra complexa que ostenta prefixo(s) e sufixo(s) (*desabastecimento*), pode-se perguntar qual

teria sido o caminho seguido para chegar lá. No caso de *desabastecimento*, a primeira etapa seria *basto* – *abastecer*, uma derivação parassintética, modelo registrável em outras formações: *amanhecer*, *anoitecer*, *apodrecer*. Já de *abastecer* poderíamos ir nas duas direções possíveis: nominalização com *-mento* (*abastecimento*), forma que o *Aurélio* registra, ou prefixação com *des-* (*desabastecer*), forma que o *Aurélio* não registra, mas perfeitamente possível. Finalmente poderíamos ter também a prefixação de *abastecimento* (*desabastecimento*) ou a nominalização de *desabastecer* (*desabastecimento*), sendo que, em se tratando de modelos muito produtivos, poderíamos ter um salto de etapa, isto é, o prefixo e o sufixo são acrescentados simultaneamente, o que não deve ser confundido com a derivação parassintética propriamente dita (v. item “Derivação Parassintética”). Veja-se que não está sendo focalizada a cronologia a que a língua realmente obedeceu – considerando que o *Aurélio* registra *abastecimento*, além de *basto* e *abastecer*, pode-se admitir que a cronologia tenha sido *basto* – *abastecer* – *abastecimento* – *desabastecimento* – mas os caminhos que o sistema de formação de palavras da língua permite, abstrata ou teoricamente.

Quando mais de um caminho pode ter sido seguido para atingir determinado resultado, pode-se dizer que a direcionalidade é facultativa. É o caso do exemplo acima *desabastecimento* e de outros como *desregulamentação*, *ultraconservadorismo*, *desestatizante*. Mas há casos em que só um caminho é possível, que seria então o caminho obrigatório, sendo que a direção que o sistema veta seria, vistas as coisas sob outro ângulo, o caminho proibido. O português não forma, por exemplo, prefixações de verbos com o prefixo negativo *in-* (**incompletar*, a partir de *completar*, ou **indiscriminar*, a partir de *discriminar*). Pode-se dizer, pois, que *inutilizar* e *inviabilizar* não foram formados pela prefixação de *utilizar* ou *viabilizar*, mas pela sufixação dos adjetivos *inútil* e *inviável*, o que é, aliás, corroborado pela semântica, que diz que *inutilizar* é “tornar inútil” (*inútil* + *-izar*) e não “não utilizar”, quando teríamos *in-* + *utilizar*, e *inviabilizar* é “tornar inviável” (*inviável* + *-izar*) e não “não viabilizar”.

Uma terceira situação nos permitiria falar em caminho prefe-

rencial. É a circunstância em que, embora as duas direções sejam possíveis, uma é privilegiada. Considerando adjetivos em *-vel*, p. ex., com ou sem o prefixo negativo *in-*, há casos em que as duas formas são de uso mais ou menos igual em termos de frequência: *perectível* e *imperectível*, *desculpável* e *indesculpável*, quando teríamos a seqüência derivacional *perecer* – *perectível* – *imperectível*, *desculpar* – *desculpável* – *indesculpável*. Mas, ao lado desses exemplos, temos outros em que a forma prefixada com *in-* é bem mais familiar (*imperdível*, *inoxidável*, *inovidável*, *intocável*, *inesquecível*) do que a forma sem o prefixo (*perdível*, *oxidável*, *olvidável*, *tocável*, *esquecível*). O que se tem nesses adjetivos em *-vel* e prefixados com *in-* é também um salto de etapa, quer dizer, prefixo e sufixo são acrescentados simultaneamente, o que, voltamos a frisar, não se constitui em derivação parassintética propriamente dita ou típica (v. item “Derivação Parassintética”).

No que diz respeito à direcionalidade das regras de formação de palavras cabe observar que divergem, às vezes, a visão sincrônica e a diacrônica. Em *abastecimento* – *desabastecimento* ou *regulamentação* – *desregulamentação* os dois pontos de vista chegam à mesma conclusão. Já na dupla *legislar* e *legislador* as visões divergem. O Aurélio diz que *legislador* é anterior a *legislar*, visão presa ao tempo, isto é, ao que é anterior ou posterior no tempo, aspecto diacrônico, sendo que do ponto de vista da sincronia, do sistema da língua, das relações paradigmáticas, *legislar* é anterior ou mais básico do que *legislador*, isso porque na língua portuguesa o verbo é anterior ao substantivo-nome de agente (*vender* – *vendedor*, *comprar* – *comprador*): *vendedor* é um “-dor” que vende e *comprador* é um “-dor” que compra, em que *-dor* é um morfema preso e cuja semântica é “agente”. Exemplo clássico de nossas gramáticas é *sarampão* – *sarampo*, assim representado porque *sarampão* é historicamente anterior a *sarampo*. Sincronicamente, porém, a direção é *sarampo* – *sarampão*, fato confirmado e reforçado pela semântica que diz que *sarampão* é “forma grave de sarampo” (v. Aurélio).

PRODUTIVIDADE LEXICAL E EMPRÉSTIMO LINGÜÍSTICO

Conforme foi mostrado no início do segundo capítulo deste trabalho, uma das formas de as línguas ampliarem seu estoque lexical é o empréstimo lingüístico. Quando culturas e línguas estão em contato é natural que aconteça o intercâmbio, devendo ser realçado que a cultura de uma comunidade e, conseqüentemente, a língua podem exercer mais influência do que receber. É o caso da grande influência do francês sobre o português em séculos anteriores ao atual (*ateliê, butique, premiê, menu*), do italiano no campo da música (*piano, violoncelo*) e atualmente do inglês (*pôster, esnobe, design*).

Podemos distinguir três tipos de empréstimos: o lexical, o semântico, também chamado decalque, e o estrutural. O empréstimo lexical é, por assim dizer, o que entra com carne e osso, isto é, sem tradução ou substituição de morfemas, devendo ser realçado que adaptações fonológicas e/ou ortográficas, quando necessárias, são um fato geral e esperado. Empréstimos semânticos são os que acontecem com tradução ou substituição de morfemas. O empréstimo chamado estrutural é o que segue modelo de formação de palavras estrangeiro, sendo que os elementos que entram na formação não são estrangeiros ou já estão perfeitamente adaptados e integrados, caso de *gincana* em *motogincana*.

O empréstimo lexical pode ser não-adaptado. É o que o inglês chama de *adopted word* "palavra adotada". Essa não-adaptação pode ser fonológica e ortográfica (*joint venture, smoking, jazz, output*), só ortográfica (*freezer, show, lobby*) ou morfossintática, isto é, a flexão de plural não se faz de acordo com as regras morfológicas ou ortográficas do português: *hobby – hobbies, lobby – lobbies, campus – campi, corpus – corpora*. O empréstimo lexical pode, em segundo lugar, estar em processo de adaptação: *menu* ora é pronunciado *menu* ora *meni*, havendo ainda os que pronunciam à francesa: *menü*; *stress* ora é pronunciado *stres*, ora *estres*, ora *estresse*, sendo que os derivados estão definidos como *estressar, estressado* e *estressante*; *surf* aparece grafado assim no *Aurélio* e na forma *surfe*, ao lado de *surfar* e *surfista*, es-

tes últimos perfeitamente adaptados. Quanto ao esporte, meus informantes universitários dizem que a pronúncia *surfe* não é ainda vencedora, aliás predomina a pronúncia inglesa *surf*. Por último temos o empréstimo lexical adaptado: *giclê*, *clube*, *contêiner*, com o plural *contêineres*, *sinuca*, etc.

O empréstimo semântico, que se caracteriza por haver tradução ou substituição de morfemas, em outras palavras, empresta-se uma idéia, um significado sem os significantes, pode acontecer com ou sem alteração da estrutura: de *spaceship* para *espaçonave* não há alteração de estrutura; já de *spaceship* para *nave espacial* a estrutura é alterada. Outros exemplos de empréstimo com alteração da estrutura: *arranha-céu* (*sky-scraper*), *cachorro-quente* (*hot-dog*). Exemplos em que não há alteração da estrutura: *agente-laranja* (*agent-orange*), *alta-costura* (*haute-couture*), *alta fidelidade* (*high fidelity*).

O empréstimo que chamamos de estrutural não importa morfemas ou palavras. Importa-se um modelo, isto é, formam-se compostos de acordo com um modelo que não é vernáculo. Detalhando: o modelo vernáculo de formação de compostos S+S subordinativos ou determinativos é DM-DT (*trem-bala*, *vagão-restaurante*, *vagão-dormitório*), primeiro o determinado ou núcleo, depois o determinante ou adjunto. Em compostos como *motogincana*, *videolocadora* e *cinoclube* a estrutura é inversa, isto é, DT-DM, própria do inglês, do modelo greco-latino e das nossas formações neoclássicas e, inclusive, da prefixação (*hiperinflação*, *superpotência*, *megainvestidor*), pelo que se poderia questionar donde vem a maior influência, se do inglês ou das outras formações de palavras complexas, sendo que uma posição conciliatória admitiria todas as influências. Note-se que muitos nomes próprios de lojas, empresas ou outras organizações obedecem a essa estrutura DT-DM, que não é a nossa: *Galeão Supermercados*, *Lucy Calçados*, *Guaraqueçaba Village*, em vez de *Supermercados Galeão*, etc., sendo que em muitos nomes há nossa estrutura DM-DT tradicional: *Farmácia Minerva*, *Lojas Perambucanas*, *Supermercados Côndor*.

Sinal de que um empréstimo lingüístico está bem integrado é seu uso como base para derivações, especialmente sufixações.

O Aurélio traz, por exemplo, *copidesque* (do ingl. *copy desk*) e *copidescar*, derivado daquele, sendo que na tese inédita “Editoras Universitárias no Brasil”, de Leilah Santiago Bufrem, p. 283, encontrei *copidescagem*, um passo a mais no processo derivacional. Outros exemplos: *leiautar*, *esnobar*, *esnobada*, *esnobação*, *nocautear*, *blefar*, *lanchar*, *lancheira*, *lancheria*, *mixagem*.

Não deixa de ser interessante observar que há empréstimos que, por assim dizer, entraram pelos olhos, isso é, a palavra foi mais vista do que ouvida (*clube*, *turfe*, *burocracia* e *burocrata*). Outros entraram pelos ouvidos: *birô*, *lanche*, *blefe*. Como em *birô* e *burocracia*, parece que *sərf* ou *serfe* e *surfar/surfista* vão formar dupla em que o primeiro entrou pelos ouvidos e os outros pelos olhos.

É também relevante, finalmente, que quase todos os empréstimos são substantivos, nomes de objetos, entidades ou referentes culturais em sua grande maioria. As entradas de adjetivos como *esnobe* e *bigue* são exceções e bem raras.

PRODUTIVIDADE LEXICAL E ESTILÍSTICA

Motsch (186) afirma que “quanto menos uma regra é produtiva, tanto mais forte é o efeito de seu desempenho lingüístico criativo”. É do Ministro Magri, em programa de televisão, a frase: “Eu já disse pra Zélia deixar de sozinha.” Do *Jornal do Brasil*, de 7/8/84, 1º Caderno, p. 11, colhi: “a moreneza do socialismo de Brizola”. Ora, *sozinha* e *moreneza* são palavras que causam espécie, causam estranhamento em quem as ouve ou lê pela primeira vez, e confirmo que, em vários anos de diuturna pesquisa, são os únicos exemplares de substantivos abstratos em *-ez* e *-eza* que encontrei. Outro exemplo de regra também pouco produtiva, principalmente se comparada com a do aumentativo em *-ão* (*pacotão*), é a do sufixo de grau *-aço* (*pacotaço*, *tarifaço*), razão de sua força expressional.

Parece-me que o pensamento de Motsch acima se aplica com mais razão ainda aos casos em que restrições de regras de formação de palavras são desobedecidas, naturalmente dentro de

certas limitações, pois, como diz Matthews (220): “Naturalmente há regras para desrespeitar as regras.” Lembrando com Mattoso Câmara (1977, 10ss.) que o objeto principal da estilística é o estudo das funções expressiva e apelativa ou conativa da linguagem, não podemos deixar de reconhecer que palavras produzidas de acordo com modelos improdutivos ou pouco produtivos ou mais à margem da regularidade têm função precipuamente estilística.

Tendo em vista o fato de adjetivos novos em *-vel* terem invariavelmente sentido passivo – é o caso, por exemplo, das formações novas *incontível* (Folha, 23/1/91, p. A-3), *reforçável* (Folha, 4/2/91, p. A-2) e *inabarcável* (Folha, 13/2/91, p. E-10) –, o que requer que o verbo-base seja transitivo direto, causam estranheza o famoso *imexível* do Ministro Magri e o *inconvivível* do Governador Moreira Franco: “Uma inflação de mais de 20% ao mês é *inconvivível*.”, ouvido em noticiário de televisão.

O grau superlativo expresso com o sufixo *-íssimo* é, na tradição da língua, principalmente na modalidade erudita e formal, prerrogativa dos adjetivos (*belíssimo, inteligentíssimo*). Têm, por isso, especial força estilística formações como *partidíssima, campeoníssimo, gatíssima*, da gíria *gata*, referente à mulher. Semelhantemente era exclusivo dos adjetivos em *-er* (*celeber, acer*), latinos, característica que passou para o português, o superlativo com *-imus* (*celeberrimus, acerrimus*), em português *celebérrimo, acérrimo, integérrimo* e poucos mais. É, pois, de certa forma uma violação – talvez se dissesse hoje uma evolução ou inovação – apor esse sufixo, agora aliás com a forma *-érrimo*, a outros adjetivos: *bacanérrimo, cafonérrimo, chiquérrimo*. Nesse contexto cabe aliás lembrar que também o sufixo *-ésimo*, dos numerais ordinais (*milésimo, centésimo*), está passando a ter função superlativa: *chiquéssima, elegantíssima*.

Há sufixos usados na linguagem técnica ou científica, e por isso mesmo destituídos de emocionalidade (*meningite, conjuntivite, antropóide e cristalóide*), que passam a ser usados em outros contextos, tendo, conseqüentemente, especial força expressiva. O Aurélio traz *debilóide e politicóide*. *Bestóide* ocorre na modalidade coloquial. No artigo “Tempos Pequenos” (Folha, 8/5/87,

p. 42), Décio Pignatari cria *ideologóide* e *sociologóide*. O sufixo erudito *-óide*, que significa “semelhante a”, passa a ser depreciativo, com o significado “metido a, falso”. Com *-ite* se indicam, na linguagem científica, “inflamações, inchaços”, idéia que passa a significar “excesso”: *governite* (*Jornal do Brasil*, 18/12/84, Caderno A, p. 6), *regulamentite* (*Folha*, 8/9/87, p. A-10), *collo-rite* e *cruzadite* (*Folha*, 25/6/89, p.A-3). Acrescente-se aqui que com os sufixos eruditos *-oma* (*carcinoma*) e *-ose* (*trombose*) também se formaram palavras complexas carregadas de emocionalidade: *sarneyoma* (*Folha*, 23/10/87, p. A-2) e *sinistrose* (*Folha*, 8/9/87, p. A-2).

Na área da prefixação destacamos o emprego de *des-* em *desprefeito* (capa da revista *Afinal* nº 145, de 9/6/87) e *desburocracia* (*jornal Gazeta do Povo*, 15/6/87, p. 27). Por que há aí especial efeito estilístico? É que *des-* significa, nas palavras a que se une, no mais das vezes, “ação contrária” (*desfazer*) ou “não” (*desumano*), sendo que se une, além disso, mais a palavras dinâmicas. Ora, em *desprefeito* e *desburocracia* temos substantivos estáticos e o sentido de *des-* é “ruim, mau”, daí sua expressividade muito especial.

Apresentamos, por último, do campo da derivação, dois casos em que foi desrespeitado o bloqueio, figura da morfologia lexical que diz que uma regra de formação de palavras é frustrada ou bloqueada quando um lugar já está ocupado. Quem apita jogo de futebol é árbitro ou juiz e quem pinta quadros ou paredes é pintor, em outros termos, ao verbo *apitar* (jogo) correspondem os nomes de agente *juiz* ou *árbitro* e ao verbo *pintar* o nome de agente *pintor*, consagrados pelo uso. Têm, pois, especial força expressiva as formações, em si regulares, porque de acordo com o sistema da língua, *apitador* para “mau juiz”, ouvido de repórter da TV Paranaense Canal 12, e *pintador*, formado por mim para referência a “mau pintor de paredes”.

Cruzamentos vocabulares, finalmente, prestam-se bastantes vezes à criação de especiais efeitos estilísticos. Considerem-se, a propósito, o *bestarel* que o Aurélio registra, e *bordela* (*Folha*, 18/4/89, p. A-3): de *bordel* + *novela*, *esquerdofrênico* (*Folha*, 8/5/87, p. 42): de *esquerda* + *esquizofrênico*, e *malufício* (*jornal O Globo*, 16/3/89, Segundo Caderno, p. 3): de *Maluf* + *malefício*.

FATOS NOVOS NA PRODUÇÃO LEXICAL

Poder-se-ia supor que as línguas naturais se servissem sempre dos mesmos recursos para criar novos rótulos designativos de novos referentes criados ou descobertos no universo cultural ou físico que nos cerca. No caso específico do português isso em geral acontece. Como no latim, em que de *flectere* “flectir, flexionar”, cujo supino era *flexum*, se fez *flexibile* e de *flexibile* “flexível” se derivou *flexibilitate* “flexibilidade”, em português de *perdurar* se formou *perdurável* (do Aurélio) e depois *perdurabilidade* (*Jornal do Brasil*, 17/4/84, 1º Caderno, p. 11), chamando especialmente atenção o fato de *-vel* mudar para *-bil*, ainda hoje, quando se junta ao adjetivo o sufixo *-idade*. Também se deve atentar para o fato de muitos elementos latinos terem sofrido alterações fonéticas: nos exemplos acima, *v.g.*, *-iitate* evoluiu para *-idade*. O latim *super* ocorre hoje no português sob as formas *super-* e *sobre*, *inter*, sob as formas *entre* e *inter-*, sendo que *super-* é especialmente produtivo (*super-roubo* [*Folha*, 16/2/91, p. C-1]) e *inter-* também ainda se mostrou vivo: *interculturalidade* (*Folha*, 28/2/91, p. 2-2). O *re-* latino continua especialmente vivo no português, da mesma forma os gregos *anti* e *hiper*, aportados no português via latim.

Já no que diz respeito aos compostos de S+S subordinativos, em latim e grego predominava a ordem DT-DM: determinante – determinado (*silvicultura*, *antropologia*), enquanto no português de hoje predomina o tipo DM-DT (*avião-suicida*, *companhia-mãe*), sendo que na modalidade científica da língua, principalmente, se continua a formar compostos do tipo DT-DM: *ecossistema*, *agrotóxico*, *citricultura*, *vitivinífero* (*Folha*, 5/3/91, p. 6-1), *estadofobia* e *estadolatria* (*Folha*, 24/3/91, p. 1-10).

No que segue vamos mostrar, no entanto, que há elementos que nos vieram do passado, analisáveis com maior ou menor facilidade em unidades lexicais vivas porque em uso na língua, mas que não se prestam a formações novas, e que há elementos que apresentam inovações em seu uso como unidades formadoras de palavras complexas novas.

De elementos que não têm se prestado a formações novas

destacamos os prefixos *se-* e *ob* e os sufixos *-iço* e *-itude*. Se confrontarmos *segregar* com *agregar* e *congregar*, será fácil e legítimo dizer que em *segregar* temos o prefixo *se-*. A semântica nos diz que *se-* significa “afastamento” e, ademais, esse *se-* é recorrente em palavras de outros paradigmas: *separar*, *comparar*, *reparar*, ou *seduzir*, *conduzir*, *reduzir*, *aduzir*, etc. Quanto à semântica do *se-* ela parece menos clara hoje em *seduzir* e *separar* do que em *segregar*; em *seduzir*, porque o sentido é mais metafórico hoje e em *separar*, porque *comparar* e *reparar* estão semanticamente muito afastados de *separar*. Em outras palavras a etimologia nos diz que também temos o prefixo *se-* (*secessão*, *secreto*, *seccionar*, etc.), sendo que o grau de transparência ou analisabilidade dessas palavras é muito variável do ponto de vista sincrônico.

O prefixo *ob-*, variante fonológica *o-*, também improdutivo hoje, parece ser de análise ou transparência mais problemática ainda do que *se-*. A semântica é “posição em frente, diante, contra”, depreensível, com maior ou menor facilidade em *opor*, *obsoleto*, *obstar*, *obsceno*, *obcecado*, *objeção*, etc.

Os sufixos *-iço*, variante *-diço*, e *-itude*, variante *-ude*, apesar de improdutivos hoje, são bem transparentes se pusermos lado a lado exemplares dos paradigmas em que ocorrem: *pleno* – *plenitude*, *negro* – *negritude*, *concreto* – *concretude*, *ilícito* – *ilicitude*, *sfmle* – *similitude* e *alagar* – *alagadiço*, *enfermar* – *enfermiço*, *encontrar* – *encontradiço*, *escorregar* – *escorregadiço*, *meter* – *metediço*.

Alguns exemplos em que modelos de formação de palavras experimentaram inovações: no acréscimo do sufixo *-aço* a substantivos, e cujo significado é “demonstração ruidosa”, temos um primeiro exemplo interessante de ampliação da semântica de um modelo. Há mais tempo conhecemos os aumentativos *ricaço*, *barcaça*, *mulheraço*, *mulheraça*, *homaça*, com a função de indicar aumento, intensidade, apreço ou despreço. São também produtos mais antigos aqueles em que *-aço* indica “golpe”: *pataço*, *joelhaço*, *munhecaço*. Formações, no entanto, bem novas são *panelaço*, *buzinaço*, *apitaço*, que não são “panela, buzina e apito grandes”, porém “demonstração ruidosa com painelas, buzinas ou

apitos”. Nota-se que a idéia de aumento, intensidade, apesar da inovação, está presente. É claro que os exemplos acima *panelaço* e *buzinaço*, mais dificilmente *apitaço*, também poderiam significar, em outro contexto, “golpe com panela/buzina”, respectivamente.

No capítulo anterior chamamos atenção para o efeito expressional dos sufixos *-érrimo*, *-ésimo* e *-íssimo*, principalmente quando empregados não tão canonicamente: *simplérrimo*, *assu-midésimo*, *estrelíssima*, essa última superlativo de *estrela* (*de cinema, teatro*), no que temos um aspecto inovador.

O grego *-dromo*, que significava “corrida” (*dromoterapia*) e “lugar onde se corre” (*hipódromo, cartódromo*) é empregado hoje, sob a forma que preferimos dizer que é *-ódromo*, com o sentido tradicional de “pista”, mas também simplesmente “lugar”: *camelódromo, mictódromo, fumódromo, forródro-mo, bandódromo*.

Considerando a passagem de um modelo menos produtivo a mais produtivo como de certa forma uma inovação, inclui-se aqui o uso hoje freqüente de *mega-* como prefixo – observe-se que o *Formulário Ortográfico* e o *Aurélio* não dão a *mega-* tratamento de prefixo, mas aqui o consideramos tal, apenas não ortograficamente, por expressar uma idéia geral: *megainvestidor, megacampanha, megaexposição, megadimensão, megarrecessão*. *Tele-* é outro elemento que, como abreviação de *telefone, televisão* ou simplesmente com seu significado tradicional de “longe, distante”, entra em muitas formações, sem dúvida um testemunho da cultura da época: *telejogo, telefilme, teleprocessamento, tele-compra, teletintas, telepizza*, etc., esses dois últimos, como muitas outras palavras com *tele-*, designativos de serviços de entrega, atendimento, etc.

Chama igualmente atenção o grande número de formações com *não*, elemento que se pode considerar prefixo ou, se se levar em conta que também ocorre livremente na frase, prefixóide. Chamo atenção aqui para o fato de a grafia das palavras prefixadas com *não* aparecer, nos jornais, revistas e livros, ora com hífen ora sem, para o que é responsável o fato de o *não* ocorrer também livremente na frase, como se disse acima, e também por não haver

clareza quanto à diferença entre a ocorrência como prefixo e como forma livre na frase. Sem pretender abordar o assunto aqui mais exaustivamente, adiantaria que, como forma livre na frase, o *não* nega o verbo, portanto a frase toda (*João não foi para casa*), enquanto que na outra função nega apenas um elemento menor do sintagma frasal: *não-judeu* (*Folha*, 18/2/91, p. 2-1: “Por isso, era muito importante para Israel que um não-judeu viesse para cá neste momento.”), não-verbal (*Folha*, 21/2/91, p. 1-12: “Projeção em raio laser do poema ‘Poesia e Risco’, de Augusto de Campos, que mistura o elemento verbal e não-verbal (...).”).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- ARONOFF, M. *Word-formation in generative grammar*. Cambridge/Mass.: MIT Press. 1976.
- BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática. 1987.
- . *Produtividade, Função e Fronteiras Lexicais* (inédito). 1990.
- BAUER, L. *English Word-formation*. Cambridge: University Press. 1983.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Nacional. 1969.
- BUSSMANN, H. *Léxico da Lingüística*. Stuttgart: Alfred Krömer. 1983.
- DARDANO, M. *La Formazione delle Parole nell'Italiano di Oggi*. Roma: Bulzoni. 1978.
- FLEISCHER, W. 1982. *Formação de Palavras no Alemão Contemporâneo*. Tübingen: Max Niemeyer.
- HOCKETT, C. F. *A Course in Modern Linguistics*. Nova York: Macmillan. 1958.
- JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the Lexicon. In: *Language* 51(639-671). 1975.
- KEHDI, V. *Morfemas do Português*. São Paulo: Ática. 1990.
- MARCHAND, H. *The categories and types of present-day English word-formation*. Munique: Bek'sche Verlagsbuchhandlung. 1969.
- MATTHEWS, P. H. 1982. *Morphology – an introduction to the theory of word-structure*. Cambridge: University Press.

- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes. 1970.
- . *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes. 1971.
- . 1977. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. Fortaleza: EDUFC. 1987.
- MOTSCH, W. 1977. Em Defesa da Descrição da Formação de Palavras com Base no Léxico. Em: Brekle, H. E. & Kastovsky, D. (eds.). *Perspectivas da Pesquisa da Formação de Palavras* (180-202). Bonn: Bouvier.
- ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- SANDMANN, A. J. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone. 1989.
- . O que é um composto. In: *D.E.L.T.A.* vol. 6, nº 1, 1990 (01-18). São Paulo. EDUC.
- . 1991¹. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto.
- . *Competência Lexical: Produtividade, Restrições e Bloqueio*. Curitiba: Editora da UFPR. 1991².
- TIETZE, G.O.A. *Introdução à Formação de Palavras do Inglês Contemporâneo*. Tübingen: Max Niemeyer. 1974.



Este livro foi disponibilizado no site da Editora UFPR
em novembro de 2020.

REPENSANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

tem por objetivo a publicação dos principais temas de Lingüística produzidos pelos maiores especialistas brasileiros. Editados de forma agradável, em linguagem clara e objetiva, os livros de **REPENSANDO A LÍNGUA PORTUGUESA** deverão proporcionar uma biblioteca básica e atualizada para estudantes, professores e demais interessados em nossa língua, seja nas áreas centrais, seja nas áreas de contato com as ciências humanas.

Antônio José Sandmann, professor da Universidade Federal do Paraná, retorna a esta coleção para discutir a **MORFOLOGIA LEXICAL**. Questões tais como “por que se formam palavras novas”, “como é que se formam as palavras”, “o que é produtividade lexical”, entre outras, recebem aqui respostas claras e instigantes, a partir da análise da massa lexical do português do Brasil. Especial atenção foi dada às palavras do dia-a-dia, levantadas nas conversações e na linguagem jornalística, analisadas sob o prisma da moderna morfologia.

ISBN 978-65-87448-13-8